

Prosa & Verso III

Silêncio

FICHA TÉCNICA

Título

Prosa & Verso III — *Silêncio*

Edição

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais
Politécnico de Leiria

Coordenação

Paula Cristina Ferreira
Cristina Nobre

Capa e Projeto Gráfico

Relgráfica, Artes Gráficas, Lda

ISBN

978-989-53390-2-0

Depósito Legal

490821/21

Impressão e Acabamento

Relgráfica, Artes Gráficas, Lda

Tiragem

500 exemplares

—

Novembro 2021

Leiria

Prosa & Verso III

Silêncio

ÍNDICE

11 Prefácio

Textos em Prosa

ESCALÃO 1 — ESTUDANTES

- 15 Aliados do Silêncio — Maria Tapadas (1.º Prémio)
19 Vontades de Ferro — João Garcia (2.º Prémio)
38 O Silêncio paira sobre os desejos — Mariana Figueiredo (3.º Prémio)
44 O Rei da Selva faz amigos — Augusto Carruço (Menção Honrosa)

ESCALÃO 2 — DOCENTES

- 50 A Nossa Cruz — Rui Matos (1.º Prémio)
54 O Aprendiz de Silêncios — António Duarte (2.º Prémio)

ESCALÃO 4 — ALUMNI

- 61 O Grito do Silêncio — Cristina Ferreira (1.º Prémio)

Textos em Verso

ESCALÃO 1 — ESTUDANTES

- 68 Silêncio, porque te quero!? — Bernardo Pereira (1.º Prémio)
70 A Voz do Vácuo — Nuno Bernardo (1.º Prémio)
73 A Árvore — Ricardo Castelo (2.º Prémio)
75 Ouço-te — Mariana Costa (2.º Prémio)
76 Dor Calada — Mónica Monteiro (3.º Prémio)
77 Os Silêncios — Bianca Martins (3.º Prémio)
79 Fez-se Silêncio — Bianca Martins (Menção Honrosa)

ESCALÃO 2 — DOCENTES

- 81 Avesos Silenciosos — Lídia Simão (1.º Prémio)
82 O Silêncio Saltita — Filomena Carvalho (2.º Prémio)
84 Demónios e Silêncios — Lídia Simão (3.º Prémio)

ESCALÃO 3 — PESSOAL TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

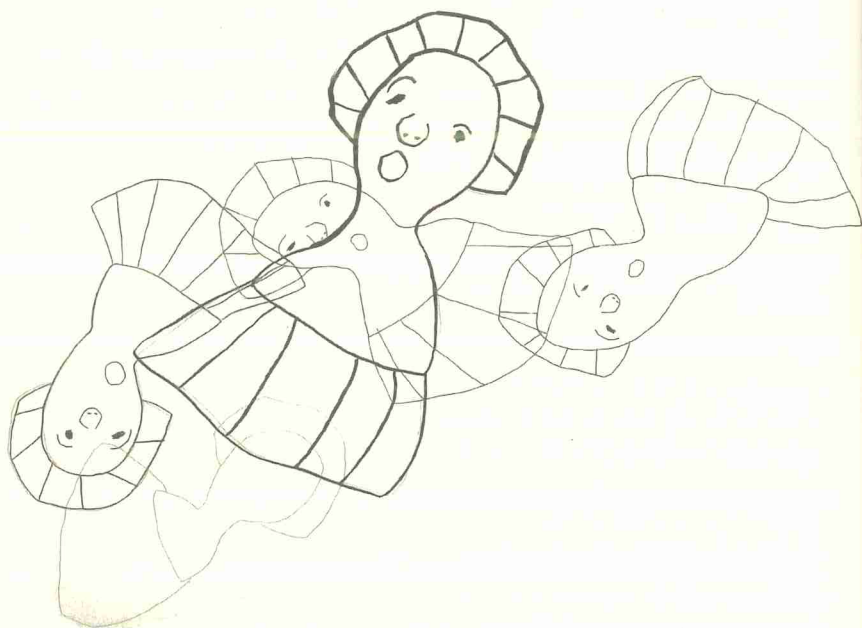
- 86 A Beleza dos Gestos Silenciosos — André Fonseca (*1.º Prémio*)
89 O Silêncio daquela porta — André Fonseca (*Menção Honrosa*)

ESCALÃO 4 — ALUMNI

- 93 Faz do Meu Silêncio Folhas Caídas no Chão — Camila Gaspar (*1.º Prémio*)
94 Silêncio da Minha Alma — Cheila Roça (*2.º Prémio*)
96 Silêncio não é Só Calar — Camila Gaspar (*2.º Prémio*)
98 Só este Som me persegue — Idália Bento (*3.º Prémio*)

“Há uma doce luz no silêncio, e a dor é de origem divina.”

Cecília Meireles
In *Obra Poética* (1967)



Inês Garcias

Prefácio

Que honra, que sorte, poder ler esta obra antes de todos vós. Que delícia... estes Silêncios.

É fascinante perceber como um tema pode agitar tantos neurónios. Desde silêncios incutidos por doenças ou patologias, até silêncios vigorosos e energizantes... de que tanto, todos, precisamos. A leitura destes trabalhos pode, e deve, ser motivo de regozijo para quem os escreveu. Afinal de contas, de que serve escrever um conto, se não for para alguém o ler? Fica, então, o desafio, em forma de pedido. Leiam e deem a Ler. Deem a conhecer a obra, espalhando-a ao vento, como diria o poeta.

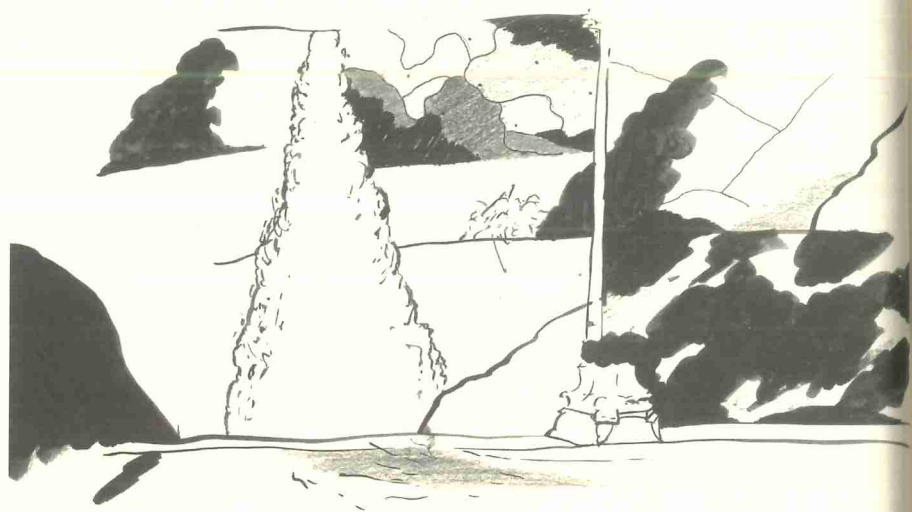
Os trabalhos aqui apresentados resultam de um desafio, de um estímulo, incutido pelas colegas Cristina Nobre e Paula Cristina Ferreira. Um muito obrigado, pessoal e institucional, a estas bravas resilientes que teimam em trazer cultura ao mundo... e como é bom teimar.

Alargar a possibilidade de nos submetermos ao escrutínio de um júri não é para todos. É para os valentes. Estudantes, alumni, colaboradores, todos com o seu devido espaço no Prosa & Verso III. E com respostas fantásticas que muito merecem ser apreciadas. Por isso, me calo, de calado que já estou... para dar lugar ao Silêncio!

Pedro Morouço

Diretor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

TEXTOS EM PROSA



Rodrigo Barroso

ESCALÃO 1 — ESTUDANTES

Aliados do Silêncio

Maria Tapadas (1.º Prémio)

Estudante da ESSLei

O teu silêncio magoa-me. Até foi fácil chegar a essa conclusão, mas escrevê-lo torna a dor mais viva e dizê-lo faz com que seja real. Hoje escrevo-te para pôr fim ao nosso círculo vicioso, mas não é como se alguém conseguisse tirar toda a água do planeta e acabar com o seu ciclo. Não o faço para lembrar os momentos que vivemos, acredito da forma mais sincera que são inesquecíveis para ti, na mesma medida que o são para mim. Faço-o para que, ainda que tarde demais, saibas como me senti. Não quero dar a aparência que isto é um grande drama e que tínhamos um amor ainda mais forte do que o Romeu e a Julieta, bem sei que não íamos morrer um pelo outro, mas pensei que merecesse muito mais do que o teu silêncio ou um adeus do outro lado da rua. Tu és muito mais vilão do que o silêncio, o pobre coitado é bem-vindo em muitas situações, mas não nesta, não quando é usado como aliado do desprezo. Era inverno, a noite ia longa e estávamos sentados no lume da padaria, recordas-te? Estávamos afogados no silêncio mais confrangedor que as estrelas já presenciaram, eu com a minha inocência e tu com o teu cigarro dentro do maço. Disseste mais tarde que por respeito e um pouco de vergonha não achavas correto fumar à minha frente e achei que era a atitude mais cavalheira com o olhar mais doce, capaz de fazer inveja a um bom romance. Nessa noite estava acanhada e nas seguintes acredito que foi um bis, mas despedias-te de mim com um beijo, eras o melhor professor. Não, um Mestre.

Beijas bem e sempre beijaste, fosse no silêncio da noite ou no pico de um concerto de rock. Não me consigo esquecer do dia em que passou de paixoneta a paixão porque foi das noites mais doces da minha vida, no sentido mais literal que consigo imaginar. Estávamos no sítio de sempre, com a luz da lua a bailar entre as chamas da fogueira, a comer um bolo recheado de açúcar. E uns beijos com sabor a morango são bons, com travo a beirão são sedutores, mas com sabor a açúcar e canela... Numa milésima de segundo, antes de dares início ao beijo, olhámos um para o outro, reinava o silêncio, mas aquele que sabe bem, aquele que sabe que vai dar aso a uma noite quente entre amantes mesmo que estejam 0º graus na rua. Não tinha muita experiência, mas sei que naquele momento te conheci mais um pouco, não só a doçura do teu ser, mas os recantos da tua boca, e juro, e nem sou de juras, que foi incrivelmente doce. O açúcar misturava-se nas línguas, o calor subia e nenhum beijo na minha curta vida, atrevo-me a dizer, foi tão incrível como o daquela noite, nem os que tínhamos dado antes, nem talvez os que vieram depois, amei-te naqueles segundos e foi tão bom. Não éramos namorados, nunca fomos e sei que não está ao alcance de algum dia o sermos, mais por mim do que por ti, mas nem assim deixei de viver este amor de terras além Tejo. Aqui sempre senti que era a minha verdadeira casa, era o local da paz, da família, do barulho... só que também é o lugar do silêncio, sempre será. Seja no verão, na hora da sesta, que não se ouve nem vê ninguém na avenida ou pelas noites na barragem para ver as estrelas. É o refúgio que tenho, nas corridas matinais ou no passeio até à fonte, o silêncio que a brisa deixa em mim, o silêncio que o sol raia para esta terra de tão bom vinho, este silêncio que o Alentejo dá às pessoas também é do bom, do que quero continuar a ter. E tu, meu amor, fazes parte dele e

por isso não posso dizer que foste uma paixão de verão, um amor de inverno ou qualquer amizade de meia estação, és enquanto eu quiser um amor destas terras.

Foste tu que me levaste a ver as estrelas pela primeira vez e quando eu pensei que íamos encontrar o silêncio, deparamo-nos com noites de descobertas e gargalhadas. Também houve silêncios devassos, olhares mudos que dizem tanto, toques calados que aquecem os confins do mundo. Esses silêncios, quebrei-os todos. E tu por vezes também. Não é que não gostasse deles mas nunca soube estar tanto tempo sem fala, desfrutei na mesma ainda que estragasse todos os nossos finais. Sei que aí me amavas um pouco menos, mesmo que não me amasses de todo. Ficávamos escondidos no silêncio das ruas, nas curvas obscuras. Se virmos bem, a nossa carreira, como gatos pardos, já dura há algum tempo, ainda que seja só de tempos a tempos. Sempre que estávamos juntos fazias-me sentir a mulher mais desejada da noite, mesmo quando estavas no meio dos teus amigos e só trocávamos, por uns segundos, os olhares, acreditava que conseguia aumentar o teu ritmo cardíaco ou talvez fosse só o meu que mudava. Habitua-te-me a sorrisos calorosos, olhares quentes, de vez em quando um piscar de olho e dois dedos de conversa. Foi assim que soube que alguma coisa estava diferente. Se antes não me amavas, hoje amavas-me menos. Se os silêncios que me pedias traziam borboletas na barriga, este não. As noites que ocupava a sonhar contigo depois daquele dia só aumentaram como se ter-te só em sonhos pudesse matar a falta que me fazes. A verdade nesse dia fatídico não foi crua, no fundo, não foi nada e não sei até hoje o motivo de toda aquela atitude. Tu não estavas nu, porque caso estivesses, a conversa era outra. E o silêncio que usaste comigo, que outrora me deu prazer, naquela noite foi usado contra

mim e feriu-me. Não houve despedida. As desculpas chegaram tão vagas como acabaram por ir na mudança da lua. Já não sei de ti, nem do nosso amor, o silêncio está aqui, frio, quase gelado e tu não o queres quebrar. Hoje não me pedes silêncio, não me calas com beijos e adormeço assim, no turbilhão que deixaste a minha mente.

Vontades de Ferro

João Garcia (2.º Prémio)

Estudante da ESECS

Existe algo de cientista em todos nós. Samanta não fugia à exceção, a advogada procurava passear perto de uma hora por dia, na tentativa de avaliar os comportamentos sociais após o grande apagão. Fazia já quatro dias desde que havia sido ouvido o último som. Muitos especulavam sobre a utilização e evolução das frequências de comunicação, alertando para os seus perigos eminentes. Os avisos não chegaram, sem preparação alguma a população tinha perdido a capacidade de ouvir.

Andar não oferecia a mesma tranquilidade, acostumamo-nos aos maneirismos e comportamentos derivados da ação que executamos com tanta banalidade. O arrastar do passo depois de um dia de trabalho dava lugar ao pânico interior de nem conseguir perceber a que distância o pedestre seguinte se encontrava. Poucos eram aqueles que se atreviam a pegar nos seus veículos, confiantes de que seriam bem servidos apenas com o que a visão lhes proporcionava. Também não era como se estivessem a atuar as forças de intervenção comuns, também elas expectantes quanto ao seu novo papel na sociedade. A emissão televisiva estava parada desde então. Existiam alguns dispostos a assumir o papel de porta-voz, mas careciam de experiência jornalística, para além da habilidade de comunicar gestualmente.

Não era totalmente novidade para Samanta viver no vazio sonoro. O seu apartamento na baixa de Lisboa oferecia pouco mais que o minúsculo conforto proveniente do salário fraco de alguém que não é a escolha primária do empreendedor. Distan-

te dos familiares, estes já entregando pouca relevância à sua pessoa, e sem grandes amizades na capital, a jovem adulta acabava por experienciar as relações humanas maioritariamente na sua área de ocupação.

Aí era pouco o silêncio. Sem grandes ambições profissionais fugiam-lhe os casos de furor, as grandes corrupções ou episódios sensacionalistas. Samanta focava-se no público mais indefeso, nos acontecimentos casuais, mas de algum modo impacientes no bem-estar do cidadão normal. Muitas famílias não conseguem suportar os custos elevados de recorrer a apoio judicial, coisa que Samanta também facilitava. Se havia alguma advogada que fugisse por completo ao preconceito de que os desta profissão seriam snobes empinados elitistas era ela. As suas origens humildes ensinaram-lhe o significado de valor e materialismo, este último do qual se distanciava.

Perguntava-se o que seria da sua profissão sem o auxílio da audição. Mesmo que reservada, burra nunca tinha sido. Talvez os de maior fama considerassem aqueles na posição de Samanta como incapazes, fracos ou simplesmente vítimas do mundo competitivo. Não era de todo o caso. Samanta não se tornara advogada para enriquecer ou escalar na pirâmide social que enfeitiça tudo e todos, o altruísmo ocupava um maior espaço na sua consciência, derivado talvez da sua situação económica familiar. As pessoas mais esforçadas são aquelas que mais dependem do esforço e essa ideia tinha sido o motor de toda a educação da jovem.

Mesmo desligada do contacto em primeira mão, Samanta vivia obcecada com o julgamento. Julgar os que via obrigava-a a colocar-se sob o holofote, o que criaria as ferramentas para

a sua profissão. Claro que se via obrigada a seguir um código penal, independentemente das suas morais ou opiniões, mas acreditando nele ou não, passaria sempre por uma avaliação. Nos casos de discordância, tentaria perceber os porquês, distanciando o ego não muito protagonista da sua vida, de forma a julgar a sociedade por completo. A profissão que exercia tinha repercussões bem maiores que os casos individuais que vivia nos tribunais. Precedentes criam medidas e medidas criam leis, que geram casos. Pelo menos era como ela o via.

Como resposta normal ao apagão sonoro, mesmo que não noticiado era visível a onda de crime por todo o país. Não havia muito que Samanta pudesse fazer, não era polícia, não estava na linha da frente. Não sabia sequer língua gestual. Não sabia onde a sua carreira iria parar, se ainda tivesse alguma. Sabia que a necessidade por ajuda era maior do que nunca e a sua vontade de a oferecer escalava gradualmente.

Em casa, deixava sempre ligada a televisão para, no cenário improvável, apanhar alguma emissão de emergência ou auxílio. Foi ao fim de dez dias que finalmente a televisão deu sinal de vida. Samanta estava a cozinhar e não conseguiu apanhar o início da emissão, tanto quanto ela soubesse poderia ter sido há cinco ou trinta minutos. O presidente dava a cara com o mesmo tipo de fato que sempre apresentou, a diferença era que, desta vez, o maior protagonismo ia para aquela pessoa que costumava ocupar o canto inferior direito da tela. O intérprete de língua gestual ganhava agora o maior plano de câmara, também ele vestido a rigor. Ao mesmo tempo que o profissional interpretava o provável escrito pelo presidente, as seguintes palavras apareciam no rodapé da emissão:

“Caros portugueses, a vós me dirijo nesta altura de grande aflição e incompreensão. Avizinham-se tempos difíceis para todas as nações, visto ainda não termos as capacidades para achar respostas ao que se sucedeu. Como podem calcular, também se apresenta como prioridade o bem-estar e segurança dos portugueses, por isso pediríamos a todos que procurassem sair das suas casas o menos possível, face a perigos a que possamos estar sujeitos agora que privados da nossa audição. Uma equipa de gestão de emergências estará encarregue de auxiliar as famílias mais desamparadas nesta situação, em colaboração com todos os departamentos da Assembleia da República para podermos atacar as maiores dificuldades atuais. Esta é uma altura de união e entreatajuda. Entraremos em contacto com os portugueses assim que nos for possível. Obrigado.”

Samanta ficou com a impressão que se tinha tratado de um discurso curto, não se justificando o silêncio dos últimos dez dias. Qualquer um teria as capacidades para organizar aquele momento numa questão de horas. Tinha levado dias, estes de crime, fome, destruição e pedidos de socorro. O presidente prometera ajuda para os mais necessitados, mas Samanta sabia que o mesmo não aconteceria. Mesmo em situação normal, depois de promessas em campanhas e ajudas do estado, muitas vezes eram esses os mais roubados. O mundo entrava agora numa luta pela sobrevivência, o humano perdera um dos sentidos que o acompanhara em todo o processo de evolução, que o ajudou na luta contra predadores e outros perigos da natureza. Para mais, sem audição eram muitos os que perdiam o sentido de equilíbrio, se não fosse já suficiente andar sempre na ansiedade de alguma coisa nos atacar por trás.

Até quando Samanta poderia assegurar a sua sobrevivência? Não era como se as pessoas se conseguissem precaver de um acontecimento do qual não faziam ideia vir a poder acontecer. Não era um cenário treinado na escola ou por simulacros no trabalho. Sobravam apenas os enlatados na dispensa. Samanta ia racionalizando a comida, sempre na esperança que algum dia viessem bater à sua porta para a ajudar, mas como ouviria ela o contacto? E porque haveria ela de ser recordada?

Colocava-se uma boa questão, o presidente não teria sequer descrito essa abordagem. Iriam eles arrombar todas as portas para poderem entrar nas casas de quem prometiam ajudar? Também as arranjariam depois? Toda a segurança era pouca. Não era difícil de imaginar a quantidade de pessoas à espera de oportunidade para saquearem fosse o que fosse. Na escolha entre a vida e a morte, sendo a vida a sobrevivência através do roubo ou agressão, Samanta sabia bem que escolha as pessoas tendiam a fazer. Tivera uma profissão toda à base desses cenários. Muitas vezes nem precisariam do extremo para tomar essa decisão.

Também ela se perguntava se alguma vez teria de tomar essa decisão. Valorizaria ela mais o sistema que defendeu toda a sua vida, independentemente da sua opinião ou moral, mas regendo-se pela sua obrigatoria ética profissional, ou a fome que o estômago acusa quando o corpo pede por energia? Caso ela cedesse obrigaria a aceitação de cada caso singular, pois cada um tem os seus motivos e o seu ego não lhe poderia dizer que apenas os dela eram justificáveis. Seria hipócrita e tiraria toda a credibilidade dos casos que defendeu. Para ela, no momento em que tal se desse, teriam de soltar todos os criminosos que foram, no

ver dela, justamente presos, por dualidade de critérios. Mesmo que o sistema que defendia não mais resultasse, tê-lo defendido implicava a crença no mesmo, ou pelo menos na utilidade dele.

Samanta esperou e esperou, ocasionalmente cumprindo os seus passeios de avaliação ao estado de situação. A polícia teria abandonado por completo o seu posto de protetora, também ela condicionada pela perda. O vandalismo aumentava, não só nas superfícies comerciais e restaurantes, agora desprotegidos dos seus seguranças e trabalhadores, mas também em superfícies administrativas e locais de turismo. Duas necessidades fundamentais à existência incendiavam a iniciativa dos atuadores, fome e revolta. Talvez fosse um ciclo, revolta pela fome que passavam e o dispêndio de energia causaria mais fome. Sem voz, ninguém conseguiria ouvir os seus gritos e qualquer resposta também não parecia apresentar-se. As ruas, para surpresa de Samanta, ocupavam-se maioritariamente por famílias grandes, trazendo inclusive os filhos para a luta. De início trouxe alguma incompreensão para a advogada, pensou até que seria um descarregar sob pretexto de alguma insatisfação anterior a todo o acontecimento. Foi quando as lágrimas apareceram no rosto de dezenas de pessoas que Samanta percebeu o verdadeiro motivo da revolta. Tal como ela, também aquelas famílias acreditavam no sistema, mesmo muitas delas sendo traídas pelo mesmo. Crenças dão propósitos às pessoas e unem o espírito do coletivo, que resulta num sentimento de casa para muitos. Esses, como Samanta, só encontram ligação através do sistema. As lágrimas revelavam a dor de ir contra os princípios em prole da sobrevivência, talvez não deles mesmos, mas dos seus rebentos, dos ainda mais indefesos que os já indefesos.

Seria isso o suficiente para Samanta não os apelidar mentalmente de “criminosos”? Muitos dos que viu serem presos, em toda a sua carreira, também apresentavam histórias tristes e pessoais, embaladas em dor e amargura. Nunca tivera sido motivo para o sistema não se aplicar a estes. Acreditar que existiam exceções não abrangidas pela lei e procurar justificação seria abandonar por completo toda a noção de lei. Abandonar a noção de lei seria viver na anarquia e, conseqüentemente, assistir a dor despropositada.

Da comitiva política não se apresentavam grandes novidades, apenas mais algumas interações por parte do presidente, prometendo medidas de apoio, mas sem qualquer tipo de resolução, pelo menos que afetasse Samanta. Esta apresentava já um tom pálido, decadente e moribundo, ao contrário daqueles que apareciam na televisão. A porta do seu apartamento encontrava-se sempre aberta, para o caso de alguém se lembrar da sua existência e aparecer para a ajudar. No fundo ela tinha noção da improbabilidade disso acontecer

Às vezes Samanta ligava aos pais, mesmo que não ouvindo qualquer som da chamada, apenas pelo conforto de saber que eles ainda estariam ali para atender a chamada. A atividade acabou por não durar muito pois os balcões e portais de comunicações não se mostravam disponíveis para o cidadão comum.

Vinte dias após a surdez, Samanta encontrava-se colada ao chão, não causando qualquer tipo de desconforto ao mesmo pela mísera amostra de peso que apresentava. Todas as roupas lhe estavam largas, a pele apresentava já manchas da exaustão do esforço pela sobrevivência. Foi quando alguém entrou em sua casa.

Quase nenhuma era a força que Samanta tinha para poder ripostar contra qualquer tipo de invasor agressivo. Já não saía de casa fazia quatro dias, nunca tivera a coragem de roubar e por isso aceitava qualquer fim que lhe fosse justo. Sabia que talvez fosse teimosia da sua parte, mas confiava que eventualmente o mundo voltaria a ser o que era, que todas as ações do momento teriam uma consequência à sua espera.

O grupo entrou sem sequer se importar muito com o estado da advogada ali quase desmaiada. Não seria prática nova, até porque ninguém se deveria queixar de ouvir um estrondo de alguém a rebentar com uma porta para assaltar a casa. Neste caso, o grupo teria sido convidado pela expectativa de Samanta.

Rapidamente perceberam que os alimentos, que alguma vez estiveram ali, tinham desaparecido há dias. Alguns aproveitaram a oportunidade para levar outros bens, como roupa ou medicação. Quando procuravam abandonar o local, a rapariga mais nova aborda Samanta, que nem reage face à aproximação da estranha. Do seu bolso retira um pacote de bolachas, o qual abre e procura empurrar pela boca da residente. Samanta cerra os dentes como um bebé com desgosto pela verdura que lhe tentam dar de comer. Os seus ideais teriam sobrevivido até ali, abraçaria a morte regendo-se por eles.

A rapariga não percebia o porquê da rejeição. Tocou num dos seus colegas como que pedindo autorização para levar Samanta. O grupo discutiu gestualmente a viabilidade do pedido, para incompreensão de Samanta, até que a vontade foi unânime. O aparentemente mais forte carregou a moradora sem grande esforço.

Samanta não sentia o contacto físico fazia anos. A posição

em que se encontrava, para surpresa da situação, fazia-lhe lembrar o conforto dos braços da sua mãe, quase remetendo a uma posição fetal. Acreditou que talvez estivesse a ser levada para ser alvo de canibalismo, seria fácil imaginar casos desses a acontecer, o desespero levaria ao maior e mais irracional dos impulsos. Ou talvez não fosse tão irracional...

O grupo viajava em viatura própria, arriscando conduzir por estradas maioritariamente vazias, mas repletas de obstáculos, mas também não era como se existissem polícias sinaleiros, ou se dependesse dela, cumprirem as leis de trânsito. Após um trajeto de quinze minutos, o carro estacionou em frente a um prédio com bom ar, renovado e em zona boa. As exigências da situação fizeram com que o mesmo fosse barricado com espetos e carrinhas, entrando o veículo pela garagem de serviço, de abertura com comando. O rés-de-chão apresentava três apartamentos, todos de porta aberta como que formando uma única divisão pública.

Samanta foi levada para um quarto onde repetiram a tentativa de a alimentar. O resultado foi o mesmo. Começou-se a criar alguma suspeita no porquê da contínua rejeição por parte da advogada, foi quando a jovem que ofereceu a primeira ajuda a levou à maior divisão do apartamento da esquerda. Samanta encontrou uma sala repleta de plantas em crescimento, trabalhadas por três agricultores voluntários. A jovem procurava mostrar a Samanta que parte da comida na sua posse era de criação, mas mesmo assim não era suficiente para a convencer. Vinte dias não chegariam para aquelas plantas alcançarem o crescimento que a sua visão fraca e enublada apresentava. Seria sinal de que também estas teriam ido ali parar através de ações

criminosas.

O grupo cada vez mais questionava a jovem solidária por ter investido numa pessoa que se mostrava farta de viver, fugindo à sua compreensão o porquê da sua infantilidade. Não havia palavras que Samanta pudesse dizer para explicar a sua atitude e caso existissem, não teria a força para as proferir. É então que a jovem procura na divisão um bloco de folhas e algo para escrever, coisas das quais estavam abastecidos em prole de facilitar as suas comunicações.

O anotado ditava:

“Eu conheço esta mulher, ela defendeu a minha mãe em tribunal. Não havia nenhum advogado que quisesse o caso de uma mulher muda, diziam que haveria falta de recursos e seria só tempo desaproveitado. A minha mãe trabalhava na cantina da minha escola, por isso sabiam que não teríamos como pagar por muito tempo as despesas do caso. Esta mulher, não só aceitou o caso, como esteve grande parte do processo sem receber. Provavelmente está assustada e não quer quebrar algum tipo de lei. Ela lutou pela minha família, eu lutarei por ela!”

Samanta não percebia o que se passava, vivia na confusão dos acontecimentos na realidade e aqueles no desfecho da sua mente, que se apagava num turbilhão de sensações e pensamentos. Ninguém saberia que ali findava a sua vida, não saberia como acabaria o mundo ou sequer se ela teria tido alguma relevância na cura dos seus mundos. Ninguém acusava a sua falta ou requeria o seu amor. O parar do seu coração deu-se no mais ouvido dos silêncios...

Dez anos passaram. Lisboa era agora uma cidade diferente, completamente equipada para a surdez que nunca foi recupera-

da, embora tivesse havido avanços em relação a tecnologias de apoio. Depois de uma limpeza lenta e flexível aos acontecimentos provenientes de todo o caos, muitas áreas e ocupações voltariam à normalidade. Também a profissão de Samanta voltou, desta vez com outro tipo de comunicação, mas com uma maior atenção aos detalhes, visto ser precisa uma maior confirmação dos factos, pela ausência de um fator que sempre fora relevante.

Substituindo o papel de Samanta no mundo encontrava-se Sol, a jovem que a resgatara, concedendo-lhe o último contacto social e físico que a advogada tivera a oportunidade de sentir. Começava assim a sua carreira dedicada ao mesmo sistema.

O Silêncio paira sobre os Desejos

Mariana Figueiredo (3.º Prémio)

Estudante da ESECS

Num mundo infestado de uma doença perigosa não é fácil de se viver, não só o teu corpo está em risco como também a tua mente. Chegou-se a um estado de desespero em que os parentes não se podem encontrar e as ruas desertas fazem pairar um silêncio absoluto na hora de restrição. É então que conhecemos famílias que se pretendem separar do resto do mundo, para assim se isolarem e escaparem a esta nova versão do planeta em que vivemos.

A família Gray não é diferente, na esperança de sobreviver à nova ameaça fazem uma viagem até uma das terras longínquas separadas do resto da humanidade.

Chegada à nova casa, desprendiam-se do calor tremendo e cheiro a ambientador que a carrinha emitia, até mesmo do ambiente apertado que o automóvel cheio dos pertences os fazia enfrentar. No meio de algumas terras de parentes afastados no Alentejo, era a nova vida até que o mundo se normalizasse.

Ao abrir o porta-bagagens, caixas transbordavam para o chão, na pressa colocaram-nas todas no hall de entrada da nova casa.

— Novo lar, nova vida! — Exclamou Elena, mãe de duas filhas e casada com Daniel, o seu marido de longa data. Na esperança de aproveitar esta oportunidade para mudar o comportamento familiar, apressou-se e dividiu as tarefas pelos quatro.

A filha mais velha teria ficado com a tarefa de arrumar a casa de banho que se encontrava no andar inferior e pelo seu quarto, teria de se certificar de estar tudo limpo e arrumado, enquanto

Daniel preparava o quarto de casal e ajudava a filha mais nova de 6 anos de idade, Lily, a arrumar o seu aposento. Assim sendo Elena ficou com a cozinha, a sala de jantar e a sala de estar.

Assim, o início da tarde eleva o sol ao meio do azulado céu. Elena, que fez uma pausa das suas tarefas, fica pela cozinha a preparar o almoço. Lily aproxima-se com passos aconchegantes, puxa uma cadeira e senta-se a observar a mãe que preparava o arroz para o maravilhoso caril que a sua bisavó lhe ensinara a fazer.

— Lily, querida, estás com muita fome? — Perguntou a mãe com um sorriso largo e uma expressão de ternura. Em resposta, a menina acenou com a cabeça alegremente.

Um barulho estrondoso, seguido de algumas vozes, levou-a a subir as escadas para o andar superior onde se encontravam os quartos. Apressada, tropeça numa das figuras de cera que o marido fizera no ano passado para exposição.

Na raiva, Elena chama os dois em alto e bom som:

— Emília e Daniel, saiam do quarto agora mesmo!

Lentamente, os dois dirigiam-se em silêncio na sua direção. Levantando-se, a mãe, plenamente irritada, diz as seguintes palavras:

— *Vocês estão sempre a preocuparem-se apenas com vocês mesmos, não têm em conta nada nem ninguém que está ao vosso redor. Custaria muito ser como a Lily por um dia?* — Elena faz uma alusão ao facto de que Lily, aos 4 anos de idade, tornou-se muda por conta de uma doença.

A criança que ouvira tudo no andar de baixo, encolhe-se triste numa cantinha do sofá almofadado da sala de estar.

Sem obter nenhuma resposta dos dois, a mãe suspira brevemente. Para não se deixar afetar, sem almoçar, decide deixar a sua

criatividade fluir. Entra no seu novo quarto e coloca-se à frente de uma escrivaninha deixada quase que em abandono, de uma das caixas que trouxera retira um objeto tecnológico aparentemente avançado, um computador da última geração. Pousa-o e deixa-se descansar no banco que ficava escondido em baixo da sua nova secretária; alguns suspiros e pensamentos depois coloca-se a escrever o que lhe vem à mente, «*Era uma vez...*».

Barulhos estridentes que ecoavam pela casa a deixavam agitada, “*estariam eles a discutir de novo?*”, eram as palavras que pairavam em sua volta e a impediam de prosseguir com o seu trabalho.

— Eu não pretendo ficar fechada em casa. Eu tenho uma vida!
— Emília, a filha mais velha, bradava ao seu pai com todas as forças até que a voz estremecesse.

Estão mais uma vez a debater os assuntos relacionados com a vida pessoal da herdeira da família, que apenas pensava em roupas e como agradar os colegas da faculdade que frequentava. Mas não se tratava apenas de um debate, pode-se até considerar um erro utilizar esta palavra, também era muito mais que uma discussão, era quase uma guerra entre pai e filha sobre quem está no comando da própria vida.

Cansada do ambiente desconfortável, a falta de ânimo que o destino lhe trouxera neste último ano, deixou-a levar-se num prolongado suspiro acompanhado com a decepção em formato de lágrimas que lhe contornavam o rosto. De braços cruzados sobre o peito e mãos, acariciando os ombros como uma mãe acaricia a própria filha em momentos de transtorno, empoleirou-se em cima da escrivaninha e começou a contar lentamente o número de respirações na sua mente até se acalmar. Os olhos fechavam-se, mas a sua paz desvaneceu-se num estrondo agonizante de uma

estante a cair que vinha de um dos quartos ao lado.

Sobressaltada, levanta-se e caminha em direção à porta; pouco antes de abrir ouve passos apressados que batiam com força contra as tábuas de madeira de que era feito o chão. Abre a porta e a pouca luz amarelada, que o corredor emanava, preenche o quarto luminosamente; já havia anoitecido e Elena não teria dado por isso.

O chão do corredor estava coberto de pegadas de cera, que teriam início no quarto em que o seu marido teria adaptado como um pequeno atelier das suas figuras, que fazia para exposição. Sem olhar para trás, correu em direção ao pequeno aposento, mas lá não se encontrava nada, apenas um rasto de destruição.

Agitada, tentou chamar pela sua filha mais nova, mas foi então que percebeu que não conseguia soltar nenhuma palavra de entre os seus lábios. Não entendendo completamente a situação, Elena corre em direção ao quarto de Lily, que se encontrava no fim do corredor, mas este estava vazio. Sem uma única estante, sem uma única fotografia, sem um único fio de cabelo, como se a menina nunca tivesse passado por lá.

Ofegante, olha em volta à procura de ajuda, até que vê Emília no andar de baixo, com a camisa longa de pijama, suja e rasgada, os seus pés descalços calcavam em cima dos pedaços de cera fria que encobriam o chão quase por completo; o som do seu calcar em harmonia com a camada de cera que se quebrava, ecoava pela casa.

A filha virou-se para a direção de onde a sua mãe se encontrava, desesperadas apressaram o passo para se encontrarem até que, finalmente, aconchegam-se num abraço apertado. Emília tentava explicar a situação, mas não se ouvia um único ruído sonoro

vindo das suas cordas vocais, apenas gestos eram feitos e Elena tentava decifrar os seus lábios.

“Pai”, “ali”, “não entrar”, estas eram as palavras compreendidas, mas mesmo assim Elena, preocupada com Daniel, e confusa com tudo o que estava a acontecer, decidiu arriscar. De longe podia-se ver uma luz a sair da porta entreaberta daquela secção, a sala de estar. Emília, agarra no vestido de algodão da sua mãe, que rapidamente a fez largar num gesto brusco e de preocupação, com um beijo carregado de ternura na testa humedecida de sua filha, deu a entender que estaria tudo bem e que tudo terminaria o mais rápido possível.

Mesmo que os seus ossos, músculos e articulações tremessem, Elena prosseguiu naquela direção passo a passo, até que se aproximava o suficiente da porta. A filha, deixa-se cair de joelhos no chão, a cobrir a tristeza em seus olhos com as duas mãos, as quais também purificavam as lágrimas sentidas de remorso e rancor por tudo o que aconteceu nesse ano.

A mãe não queria deixar Emília banhada em tristeza, mas tinha que entender a situação; primeiro decidiu espiar pela porta para entender o que Daniel estaria a fazer. O seu marido estava sentado numa cadeira de costas para a porta por onde Elena espreitava, ao seu lado estava uma caixa de médio porte que era usada para armazenar os materiais de costura.

Decidiu bater na porta como permissão para entrar; Daniel subitamente parou com os afazeres do momento e começou a virar-se na direção de Elena. O horror tremendo que ela sentia, ao observar lentamente a sua face ao longo do momento em que o marido se virava, fazia-lhe engolir o ar em vez de o respirar, ela não conseguia gritar, não tinha voz. Mas aquilo que ela via podia

ser descrito com os próprios olhos.

Daniel estava com os olhos arregalados, mais pálido do que uma margarida branca no ambiente florescente da primavera. Tinha uma agulha na mão, o linho nela abraçado fazia um trilho até à sua boca que estava a ser bordada com lindos retoques de flores nas extremidades dos seus lábios; o magnífico linho, estava a ser banhado com o veneno escarlata que de sua boca saía, percorria todo o caminho até banhar o chão com a maravilhosa cor.

Elena, espantada e chocada com a situação, corre até Emília, as palavras subentendidas nos gestos agressivos que a mãe fizera para a filha, não demonstravam qualquer valor para a adolescente, não entendia uma única palavra. Como a situação não progredia, Elena agarra no pulso de Emília e caminha com todas as forças até ao quarto onde se encontrava a tal secretária velha e abandonada, no computador que estava ligado escreve aquilo que preenchia seus pensamentos, "*onde está a Lily?*". Com um olhar confuso, Emília escreve a seguinte frase: "*quem é a Lily?*".

Nesse momento, Elena entrou em choque, o silêncio era enorme, de tal forma que só se ouvia o barulho o trabalhar da máquina tecnológica em cima da mesa velha e podre, a mesa estava tão velha, mas tão velha, que fazia um som de rangido nos pés de madeira toda a vez que levava com um mísero toque. Ouvia-se, também, o eco das tesouras usadas por Daniel: era tão insuportável!

Elena sentiu uma dor aguda por todo o seu corpo, sentou-se na cadeira e estendeu os seus braços finos e flácidos sobre o computador enquanto Emília a observava.

Começou a contar os números para se acalmar, até que acordava sobressaltada na escrivaninha com pequenas gotas de cera quente pelo corpo, olha em redor e repara numa figura humana atrás da

porta entreaberta, semicerrou os olhos e tentou chamar pela Lily que, interrompendo-a antes de que fosse possível sair um único som, fez um gesto com o dedo indicador por cima da boca, o sinal de silêncio, e olhou em direção ao teto.

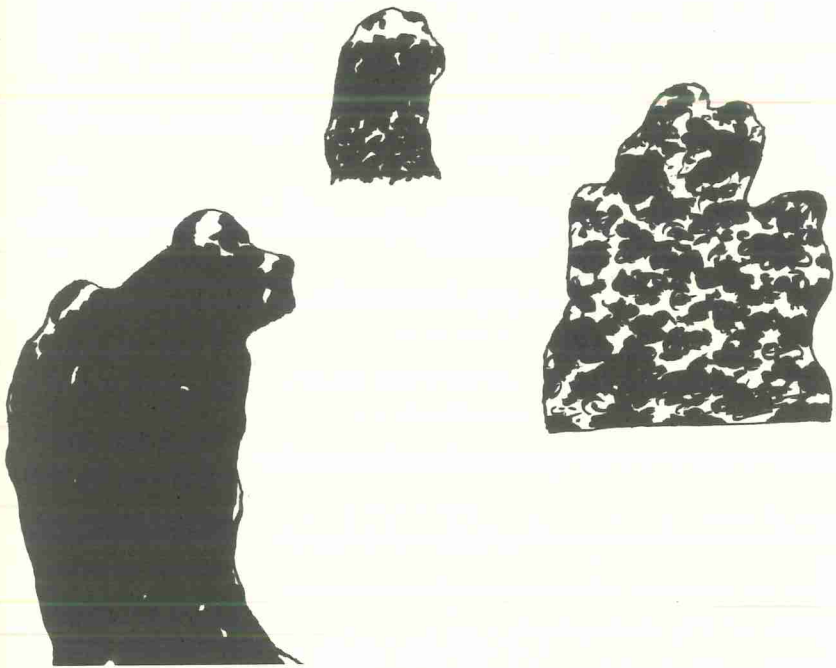
Foi então que Elena percebeu que ainda caíam gotas de cera branca sobre seu corpo juntamente com umas tonalidades avermelhadas. Lentamente desviou o olhar da porta para o teto, ali estava “*aquilo*”, via alguém com a mesma forma e rosto que ela, coberta de cera quente que escorria pela face.

Foi então que compreendeu que “*aquilo*” não estava coberto de cera como pensava inicialmente, “*aquilo*” era feito de cera e estava coberto do veneno escarlata que tinha visto uma vez anteriormente, estava a agarrar-se ao teto e com a cabeça num ângulo desajustado, ver “*aquilo*” fazia-lhe percorrer um frio pela espinha.

Elena estremeceu e quase que deixou escapar um gemido de desgosto entre seus dentes cerrados, com os olhos arregalados e a estremecer-se em cada parte do seu corpo, na sua mente veio uma única frase: “*devo permanecer em silêncio, porque eu não gosto de barulho*”.

Desde então nunca mais se ouviu um único som vindo de Elena, é por isso que devemos ter cuidado com aquilo que desejamos e assim não exigir dos outros aquilo que só podemos exigir de nós mesmos, ou o silêncio irá pairar para vocês.

«*Fim.*» — Escreveu Elena após horas de trabalho árduo em frente ao computador.



Rodrigo Barroso

O Rei da Selva faz amigos

Augusto Carruço (Menção Honrosa)

Estudante da ESECS

I - O intruso traiçoeiro

Ainda não se via a claridade da manhã já o leão iniciara a deslocação para uma zona mais alargada da sua influência. Atalhou por um caminho, que foi dar a um bosque de muito e intenso mato, com o intuito de encontrar novas espécies para caçar. A companheira leoa ficou no refúgio. Ela está a meio da gravidez e não deve correr riscos de stress, nem forçar perseguições que possam levar a esforços exaustivos.

Era costume uma jovem gazela muito desenvolvida e gordinha, de cor castanha e de pelo macio, deslocar-se, com frequência, àquele bosque para encontrar bons e variados alimentos. Contudo, ela desconhecia, de todo, o que se passava à volta daquele misterioso sítio. Na busca de melhores alimentos era capaz de aventurar-se em demasia. No bosque, os cuidados devem ser redobrados e, naquele dia, os seus amigos experientes não puderam sair do habitat.

A gazela ficou deslumbrada com o local aprazível que encontrou, onde havia ervas muito fresquinhas e de agradável sabor, resultado das primeiras chuvas de inverno que ajudaram ao crescimento rápido dos pastos.

Havia um silêncio profundo e um cheirinho agradável, libertado, em conjunto, pela diversidade de árvores exóticas.

Não havia vento, nem movimentos de animais ou aves que perturbassem o ambiente.

Eis que, inesperadamente, a gazela ouviu um ruído estranho

vindo de longe, ficando estática e de cabeça levantada, muito atenta e nervosa, sem saber o que estava a acontecer.

De repente, aquele dócil silêncio transforma-se num inferno atroz. Ela apercebeu-se que havia um animal de grande porte a correr na sua direção.

— Ahh, é um leão ... — constatou ela.

Sem ter preparado um plano de defesa ou fuga, ficou nervosa e cheia de medo, fugindo pelo bosque, onde não há caminhos livres nem trilhos e com todo o tipo de obstáculos pela frente.

Como sabemos, a gazela corre muito, mas o leão, que já vinha embalado na corrida, ganhou terreno em relação à presumível presa.

O mais fraco foge e o mais forte continua a aproximar-se. Ambos dão o máximo de si.

O leão continua a ganhar vantagem e está a dois metros da gazela. Está cada vez mais próximo dela. A gazela corre, corre e salta pequenos obstáculos, parece uma flecha!

Na sua perseguição, o leão não teme os obstáculos, leva tudo à sua frente, deixando clareiras por onde passa e vai reduzindo a distância entre ambos. Agora está apenas a um metro e continua a ganhar vantagem. Neste momento o felino já está a escassos milímetros. Ele atingiu o máximo das suas forças. Ele sente que está a ficar cansado, mas vai continuar o esforço, nem que rebente, pois, a gazela é um troféu muito importante que não pode perder.

O leão vai de boca aberta, e bem aberta, com seus dentes aguçados para segurar a presa. Esta vai tão descontrolada e precipitada que faz o salto sem preparação e tropeça no tronco muito grosso de uma árvore que caíra, de velha, no bosque.

Deu uma estrondosa queda do outro lado da árvore em cima de arbustos, sofrendo graves escoriações numa perna.

O Leão estava tão centrado na presa e tão próximo dela que não deu para ver aquele madeiro atravessado, tendo chocado frontalmente, batendo com a cabeça e, como já ia de boca completamente aberta para segurar a presa, partiu um dente, ficando atordoado por largos minutos do lado de cá do tronco.

Quando deu por si não sabia onde estava. Ficou muito mal no acidente. Não conseguiu regressar ao refúgio naquele dia e teve de passar a noite no bosque.

A gazela, que caíra do outro lado da árvore, esqueceu tudo da vida. Ela sentiu que estava literalmente dominada pelo leão, julgou mesmo que tinha sido puxada pelo predador quando sentiu prender-se uma pata no tronco. Muito atrapalhada, levantou-se, com o coração a palpitar de medo, olhou para todos os lados e ficou surpreendida por não ver o leão por perto.

— Estarei a passar por um sonho? — Pensou.

Ela não acredita no que vê. A sua mente está confusa. Foi quando refletiu em silêncio:

— Venho a fugir de um animal feroz, agarra-me uma pata, caio desprotegida e deixo de ver esse malfeitor!? Como é que isto é possível? Eu não o vejo, mas ele estará certamente por perto, à minha procura. Vou fugir e tentar a minha sorte.

Ela não sabia que o leão estava do outro lado do tronco, muito menos sabia que ele se encontrava inanimado e muito mal fisicamente.

— Vou já embora para casa, confortar-me com os meus amigos, mas devo ter muito cuidado, porque aquele animal horrroso pode ver-me e eu não estou em boa forma física para fugir.

A gazela, silenciosamente e com todo o cuidado, fugiu para o habitat junto da sua família.

Nunca soube do que acontecera àquele animal terrível.

O leão, finalmente, fez-se ao caminho para regressar à selva.

Teve muitas dificuldades para andar e dores nos maxilares, até que, finalmente, chegou ao refúgio.

Cansado, esfomeado e com um dente partido, a sua companheira leoa achou estranha aquela figura triste e perguntou:

— Mas afinal, o que é que se passou contigo?

— Fui enganado por algo estranho — Respondeu o leão.

— Conta-me tudo! — Disse a leoa.

— Tratou-se da perseguição que fiz a um intruso esfomeado e esquelético que desviou o percurso para uma zona perigosa do bosque, pondo em perigo a minha integridade física.

A leoa teve pena dele. Porém, isso não a impediu que lhe desse uma forte reprimenda:

— Eu avisei-te!!! Mas tu, teimoso como és, insististe que tinhas de ir a esse bosque, só porque te disseram que havia boa caça. Afinal, foi por pouco que não deixaste lá a vida.

O leão concordou e disse:

— Tens toda a razão. A partir de agora só lá voltarei se pudermos ir juntos. Em conjunto, adotaremos um sistema de vigilância e controlo para que não sejamos enganados por intrusos maldosos — acrescentou.

Ele nunca se esqueceu da passagem pelo bosque. Ficou traumatizado e continua a afirmar, à sua maneira:

— No bosque, fui enganado por um animal traçoeiro e maldoso. Ainda me dói o dente. Isto não pode acontecer ao Rei da Selva.

Espojado no chão e triste, ele fez um longo silêncio que lhe serviu para refletir e centrar-se nas ações que devia tomar para dar continuidade ao seu reinado. Ele recordou a longa experiência e as lutas que nunca perdeu. Só nos acontecimentos recentes se sentiu inconsolável e traído.

Depois disto, levantou-se de repente, ergueu a cabeça e com a face virada para o sol, que tanto brilhava, disse com toda a convicção e arrogância:

— Nas imediações do meu refúgio sou eu que mando! Aqui domino tudo e todos! Jamais deixarei que me fuja um troféu! Sou Rei!

Depois desta fúria e um pouco mais moderado, acrescentou:

— É uma zona com muita caça, onde conheço muito bem todos os lugares, percursos e esconderijos. Não tenho qualquer problema de caçar sozinho. Nesta zona sinto segurança e tranquilidade. É aqui que eu quero passar o título de Rei da Selva à minha família.

II — A descoberta de novos amigos

No início do verão, o leão foi pai de três leõezinhos. Ele não conseguia conter o seu contentamento e exclamou para a leoa:

— Estou radiante com o nascimento dos nossos filhotes. Em toda a minha vida foi o melhor que me aconteceu, por isso, sinto uma grande felicidade.

O casal de leões vivia na selva, num disfarçado refúgio, por debaixo de uma árvore com grande copa. Naquele lugar, sentia-se um profundo silêncio, onde apenas se ouvia sussurrar as águas que corriam num pequeno rio. Este tinha bom caudal no inverno, mas no verão apenas havia um pequeno curso de água que se

esgotava numa grande represa onde eles iam beber. A árvore era muito antiga e servia de proteção do sol, assim como no inverno servia para proteger do impacto das chuvas.

O leão, sempre muito cuidadoso, propôs à leoa o que pensava fazer para garantir a estabilidade da família:

— Agora é preciso arranjar comida, proteção e segurança para eles. Como as crias ainda são muito pequenas e desconhecem os meios de defesa, nós, pais, não devemos sair juntos para caçadas e, muito menos, quando estas são distantes do refúgio. Seria uma grande irresponsabilidade deixar os filhotes sozinhos e sem vigiância — acrescentou.

O casal de felinos sabe que a má vizinhança instalada naquela zona pode causar perigos com elevado risco de vida para os filhotes. Aliás, eles têm a certeza de terem muitos inimigos na selva e sabem muito bem porquê.

O conflito que o leão tem com os animais que vivem na selva não é de agora, bem pelo contrário. Desde há muitos anos que os mais fracos se sentem injustiçados no dia a dia e temem pela vida, porque estes felinos não fazem amigos, bem pelo contrário, querem-nos como banquete nas suas refeições.

Os mais fracos da comunidade animal têm muito medo destes predadores. Sempre foi assim. Estes terríveis animais dominam tudo, só não conseguem dominar as aves, porque estas facilmente se afastam do perigo ou estão colocadas em lugares estratégicos aos quais nunca chegarão.

Num destes dias, uma cegonha, bem conhecedora daquela zona, voou, silenciosamente, para a árvore que cobria parte do refúgio e nela pousou para acabar de digerir um pequeno peixe que pescara na grande represa do rio, tal como já repetira tantas

vezes. Só que desta vez aconteceu uma novidade.

Muito observadora e atenta, a cegonha, lá do alto da árvore, viu, por debaixo, uma leoa, muito calma e com muita ternura a amamentar os seus leõezinhos, que pareciam ser recém-nascidos.

Os filhotes eram muito bonitos, tinham um pelo muito fofo, acetinado, até parecia seda. Eles tinham um nariz tão bem feitinho, pequenino e escurinho que fazia lembrar uma pequena bolinha de chocolate. As orelhinhas, muito redondinhas, muito parecidas com recortes de algodão, as patinhas também muito perfeitas e com as unhas muito pequeninas e da cor de prata.

A cegonha observou que o leão estava de pé à entrada do refúgio, parecendo estar muito ansioso. Ele quase não parava quieto. Olhava à sua volta, muito desconfiado e nervoso, dando sinais de que estaria ali para defender o seu território.

Do cimo da árvore, a cegonha assistiu a tudo. Como ela conhecia bem a forma de estar do leão (porque daquele sítio já o observara, por diversas vezes, noutras situações), perguntou-lhe:

— Oh, leão, parece-me que não estás bem. Se precisares de ajuda diz, porque eu estou disponível para te ajudar.

O leão respondeu:

— Não, não! Obrigado. Aqui estou muito bem. Estou é de prevenção aos possíveis invasores e malfeitores que só pensam destruir os outros.

A cegonha insistiu:

— Vejo que estás muito preocupado. Nunca te vi assim.

O leão ainda hesitou na resposta, mas... como já conhecia de vista aquela ave, acabou por se explicar:

— Estou a viver uma nova experiência ... mas sinto-me feliz, mesmo muito feliz!!! Talvez não saibas, mas acabei de ser pai de

três leõezinhos. Eles são os mais bonitos de todos os leõezinhos que conheci até hoje. Estou preocupado com a segurança do meu refúgio, não vá este espaço ser invadido por animais invejosos e maldosos que possam maltratar os meus filhotes.

Resmungando, ainda reforçou:

— Para fazer bem, não aparecem, mas para o mal são capazes de vir, todos.

A cegonha despediu-se:

— Desejo-te muitas felicidades, para ti e teus filhotes. Eu posso ajudar-te, caso venhas a precisar. Olha que eu já ajudei na alimentação de outros animais, porque eu tenho grande treino na pesca. Peixe fresco tenho todos os dias.

Diz o leão:

— Oh, cegonha, obrigado pela tua oferta, és muito generosa, mas eu prefiro carne. Sou muito experiente nas caçadas e raramente me correm mal.

Em seguida, a cegonha foi anunciar aos animais, seus amigos, tudo o que tinha visto e ouvido.

Um esquilo, ao saber da notícia, saiu do seu esconderijo e, com grande distância do leão, não fosse ele atacar, disse-lhe:

— Olha leão, quero dar-te os meus parabéns, sei que foste pai. Se precisares de ajuda, diz alguma coisa, está bem?! Eu sou pequeno, mas sei muito bem descascar sementes e raízes saborosas que os teus bebés gostariam de comer e sou cuidadoso na arrumação da casa.

Logo a seguir aparece uma preguiça, também a desejar-lhe muitas felicidades, tendo acrescentado:

— Oh, meu querido leão, tu que foste pai de três filhotes, deves precisar de ajuda. Eu posso ajudar-te, porque eu tenho o tem-

po todo do mundo. Eu fui ensinada a passar o tempo deitada e sei como devo fazer para tranquilizar e adormecer as crias.

O pai leão ficou muito sensibilizado com as propostas de ajuda daquela comunidade animal.

O leão refletiu sobre o que ouvira e pensou:

— Afinal, eu não tenho inimigos, bem pelo contrário, todos me querem ajudar. No futuro, as minhas caçadas terão de ser feitas em zonas distantes do refúgio e onde tenha a certeza de que não há animais vizinhos.

Aquele terrível animal modificou-se tanto que, se vir perseguidores de vizinhos, ele será o primeiro a atacar esses animais e a expulsá-los daquela região para zonas bem longe, se possível, para o bosque, onde estão os animais maldosos.

Ele tinha muito orgulho no título de “Rei da Selva” que herdara da família e que lhe dava o direito à imponência, à força e até a aterrorizar a comunidade animal dos mais fracos.

Face à nova realidade, pensa, agora, que ser rei já não é o mais importante da vida. O que é importante é ser pai de 3 filhotes e responsável pela integridade física deles e pela alimentação da família.

O leão, muito concentrado, afirmou:

— Se os meus filhotes são muito importantes para mim e para a minha família, então, também os filhotes dos outros animais têm a mesma importância para a sua família.

O leão pensou e, concluiu em silêncio:

— Vendo bem, todos os animais, bebés ou adultos, gostam de ser mimados, terem amigos, sentir segurança e bem-estar, porque todos precisam de ser felizes.

Ainda os leõezinhos eram pequeninos já os pais ensinavam as

técnicas de ataque, defesa e imobilização da presa.

Um dia, uma cria atrevida viu um coelho gordinho que estava a comer, com satisfação, ervas muito saborosas, próximo do refúgio. O leãozinho, pondo em prática o que já aprendera com o pai, correu, silenciosamente, pata por pata e lançou a emboscada ao coelho. Este tentou fugir, mas não conseguiu e ficou dominado. O coelhinho guinchou e voltou a guinchar, mas, indefeso, nada podia fazer, a sua sorte foi o leãozinho ainda não ter dentes... O pai leão estava no interior do refúgio, na brincadeira com as outras crias, quando ouviu aquele desatino, veio à rua ver o que se passava. Imediatamente gritou ao filho:

— Para, para filhote!!! Não faças isso ao coelhinho!!! Peço-te que nunca faças mal aos animais vizinhos.

Com muita sorte, o coelhinho salvou-se.

De contente, o coelho quis agradecer ao leão, mas não sabia como.

Lembrou-se da conversa da cegonha, virou-se para o leão e disse:

— Meu grande amigo leão, sei que foste pai, gostaria de te ajudar nalguma coisa que precisas. Olha leão, sei fazer uma toca, que é uma espécie de casinha, toda forrada com pelo que retiro do meu corpo. É muito quentinha e confortável. Os teus filhotes vão gostar.

O leão ficou tão contente com mais esta proposta de ajuda que pensou:

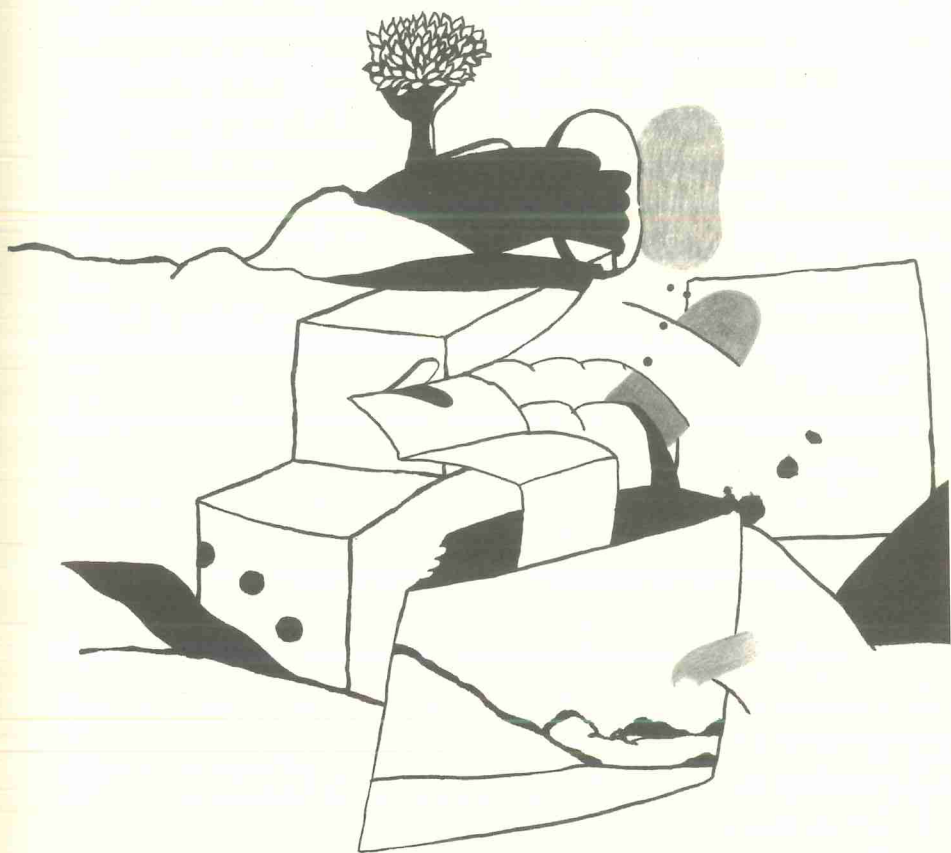
— Afinal, os meus vizinhos são todos muito bons para mim. Eu é que nunca lhes dei o devido respeito que merecem. Tenho a obrigação de ser simpático para com eles. Como Rei da Selva, vou decretar a igualdade e a liberdade entre todos os animais que

vivem na nossa região.

O leão subiu a um pequeno monte para ler o extenso decreto e, em voz alta, para ser bem ouvido por todos os animais daquele território e também pelos seus filhotes, disse:

— Meus filhotes e comunidade animal vizinha, determino por lei que, a partir de hoje, as caçadas só podem ser feitas longe desta região para salvaguardar a tranquilidade e bem-estar dos animais nossos vizinhos. Todos nós, que vivemos nesta região, precisamos de viver a vida com alegria e sem medo. Todos nós precisamos de partilhar amor e ajuda. Temos obrigação de ajudar os que estão em dificuldade. Assim, um dia que precisemos, também pode haver quem nos ajude.

Foi assim que os animais daquele território deixaram de ter medo. Agora vivem em liberdade e são amigos.



Rodrigo Barroso

ESCALÃO 2 — DOCENTES

A Nossa Cruz

Rui Matos (1.º Prémio)

Docente da ESECS

— Desculpe, creio não ter entendido devidamente. Importa-se de repetir?

Fausto Aniceto era todo ele incredulidade. Cinquenta ininterruptos anos volvidos, julgava já ter escutado os pedidos mais bizarros que alguém poderia formular:

— *O meu bisavô está a ficar meio xexé. Será que o podia ver para nos dar a sua opinião? É preciso ele vir ou basta trazer a parte do cérebro em pior estado?*

— *O meu marido tem um fetiche pela Mona Lisa. Por acaso não tem nenhum retrato dela em corpo inteiro, tem?*

— *Quanto é que me dá por um vaso de barro com mais de dois mil anos? A inscrição diz “século I A.C.: deve valer um dinheirão, não?*

— *Ouvi dizer que vocês são mestres a restaurar obras de arte. Será que conseguem restaurar a melena dos meus vinte anos?*

— *Se lhe trouxer dois terços de um terço que se partiu, consegue recauchutá-lo de modo a não se notar que falta um terço ao terço?*

Desta vez, o pedido era bastante diferente...

— Vejamos: que vocês são peritos em reparações ninguém põe em causa. Eu próprio já vos enviei muitos objetos que necessitavam de concertos vários, arranjos diversos, delicadas operações. Agora, preciso quase do mesmo, só que ao contrário. É imperioso que impeçam que um certo objeto volte a ter os seus contor-

nos originais.

Não ouvira mal, afinal. Era mesmo a primeira vez que lhe pediam para deixar uma peça estragada. Que diabo, o século 19 já lá ia há uns tempos: seria este José a reencarnação do Filipe que achava que o único índio bom era o índio morto? Poderia José achar que a única... peça boa era a peça partida? Por falar em peça...

— Caro amigo José, compreenda uma coisa: o que me pede é completamente inusitado. Mal comparado, diria ser o mesmo que pedir a um arquiteto para arranjar maneira de construir um edifício que caísse à primeira rajada eólica ou a um médico que deixasse alguém sucumbir sem lhe prestar a devida assistência. Não me passa pela cabeça que o senhor não tenha fortes razões para me fazer esta solicitação. Se não se importa, comecemos pelo princípio: de que peça se trata?

O homem, visivelmente nervoso, ajeitou-se na cadeira de rodas e fez a aguardada revelação:

— O silêncio. Quebrei o silêncio.

José desfiou a sua história. Quarenta e oito anos enredado numa trama suave, mau grado dita dura, emudeceram-lhe a voz. Amordaçaram-lhe ideias. Amarraram-lhe vontades. Veio então a onda. Imparável. Arrasadora. Adeus, estado novo, olá, novo estado. Estrepitoso: que brado!

— PUM! Caiu. Imagine: estava ali quietinho e, de repente, a cadeira virou-se, o homem caiu e... não, desculpe, isso é outra história. A idade não perdoa. Onde é que íamos, mesmo? Ah, sim, o silêncio. Pois, caiu, quebrou-se, guardei os cacos para memória futura e nunca mais olhei para eles. Agora... desapareceram! O senhor Fausto acredita em coincidências? Eu cá, não. Já reparou

que, para o ano, passarão exatamente 48 anos sobre este bem-aventurado acidente? Sei, de fonte segura, que está em marcha, a passo de ganso, uma conspiração para recolocar o silêncio num pedestal. É por isso que é urgente evitar a todo o custo esse maquiavélico restauro. É fundamental que faltem peças no *puzzle* para que nunca mais nos remetam ao...

— Silêncio! Chega!

— Não diria melhor, senhor Fausto! E então, vai ajudar-me, certo?

O antiquário quedou-se pensativo. Não havia cola ou argamassa que desconhecesse. Estava a par das mais recentes e avançadas técnicas de restauro. A reintegração cromática via homogeneização de tom não era desafio à sua altura. Havia mesmo descoberto a cor do horto gráfico, mas isto...

— Senhor José, lamento, mas não estou a ver de que modo o poderemos ajudar. Nenhuma das tecnologias de que dispomos pode ser posta ao serviço do que pretende. Sinto muito...

José Moreno, de alcunha Zé Povinho, afundou-se na cadeira. O seu rosto deixava transparecer o mais profundo desalento. Estava convencido de que, em breve, uma poderosa maquinação entraria em ação e reverteria o que tanto tempo levava a construir. Pontes laboriosamente construídas seriam pulverizadas e substituídas por intransponíveis muros. Da poderosa voz do povo não restaria mais do que um esganiçado e decrépito pio. As cordas vocais das massas definhariam, reduzidas a finos e quebradiços fios sem voz nem vez.

A não ser...

— A não ser... espere aí, senhor José, espere aí, volto já!

Dois minutos depois, o senhor Fausto estava de volta com o

que parecia uma vulgar caneta. Entregou-a ao senhor José que a virou, revirou, inspecionou e retornou:

— Uma caneta, senhor Fausto? Como é que uma caneta pode impedir alguém de restaurar o meu silêncio? — questionou, dececionado, o Zé Povinho. — Ainda se fosse uma pistola, de grosso calibre. Agora, uma caneta...

O senhor Fausto deixou escapar um sorriso. Ainda não compreendera que divina inspiração o levava à descoberta daquela fantástica solução. Os desígnios etéreos são insondáveis e os anjos, da Guarda, Castelo Branco ou Almeida, não brincam em serviço!

— Senhor José. Zé Povinho: acredite no que lhe digo: religião ou não, é a cruz que nos salva. Faça bom proveito...

O Aprendiz de Silêncios

António Duarte (2.º Prémio)

Docente da ESTG

Todas as manhãs saía cedo com o pequeno-almoço mal tomado, movido pelo firme propósito de verificar a arrumação dos livros na biblioteca antes que todos chegassem.

Percorria as estantes seguindo um percurso bem determinado, ensaiando passos mudos e colocando os pés com o cuidado de quem não quer ser notado. Sorriu... tinha acabado de se comparar a um tigre da Malásia que tinha visto num documentário da *National Geographic* e que se movia na selva como se usasse pantufas. Na verdade, o calçado é muito importante em uma biblioteca. Já tinha trocado vários pares de sapatos que chiavam... ou gritavam, como gostava de dizer na brincadeira... quando caminhava no pavimento da biblioteca. Soar em uma biblioteca é um sacrilégio, distrai quem procura envolver-se em pensamentos.

Resmungou com voz tão inaudível que os seus botões se fingiram surdos: “Mais um fora do sítio! Retiram-no para folhear e metem-no no primeiro buraco que aparece. Quando voltam, reclamam... indignados por não encontrarem o livro”. Estava na secção de Engenharia, a de Arte e a de História eram sempre as menos remexidas.

“Bom dia, Alberto! Vou abrir!” Eram exatamente 8h59 e a Daniela chegava, trazendo atrás de si um cortejo de estudantes que tiritavam na rua e procuravam um lugar quente com internet para fazerem os seus trabalhos. A Liliana não viria nesse dia porque estava de baixa médica, devido a um melindroso problema de saúde que a apouquentava.

As duas colegas já lá trabalhavam antes de ele ter sido admitido.

A Liliana era elegante e de boa compleição física. Andava na casa dos trinta e poucos anos de idade, alta, com pouco mais de um metro e oitenta de altura, vistosa e com cabelo negro, comprido e vigoroso, tratado com desvelo. Olhos também negros, grandes, expressivos, enigmáticos e profundos, que apenas choravam em silêncio e sem testemunhas.

Quem com ela convivia achava-a a ouvinte e espetadora ideal. Atenta e atenciosa, nunca diminuía a razão de quem a escolhia para desabafar e obter cumplicidade. O pior era que, quando se fartavam de falar, ela nem sempre sabia o que dizer... ou porque não encontrava sentido no discurso ou porque se inibia de exercer o contraditório, evitando ferir suscetibilidades. Além disso, dominava muito mal a arte da lisonja. Quando os amigos se exasperavam, ouvia o tradicional remoque usado para a espevitar: "Ó Liliana, tu és tão fria!". Ela não reagia à provocação e calava-se ainda mais.

A Liliana gostava mais de assistir a bons filmes do que escutar pessoas, porque o discurso cinematográfico é bem pensado e concebido previamente por um realizador, com intenções que se evidenciam ao longo da trama e produzem consequências estudadas. Os atores também nunca saltavam da tela para a interpelarem e forçarem a pronunciar-se acerca da ação, agarrando-lhe insistentemente na manga. Permitiam-lhe que as suas reflexões permanecessem privadas e amadurecessem naturalmente.

A Daniela era completamente diferente.

Um dia, vinha ele a descer as escadas da sala de leitura do andar de cima e a Daniela, surpreendendo-lhe o sorriso, perguntou-lhe

porque estava tão bem-disposto. Ele não se conteve e barafustou: “Estou farto disto... só cochichos e risinhos a e depois os leitores que se sentem incomodados reclamam comigo. Vou lá pedir silêncio e respondem-me que estão a trabalhar... como se trabalhar fosse aquilo ou implicasse perturbar os outros utentes.”

“E isso diverte-te?... vinhas quase a rir à gargalhada!...”

“Ah... é que vinha a lembrar-me de que se fosse eu que mandasse só entrava aqui quem fizesse um voto de silêncio, como aqueles monges dos mosteiros cistercienses.”

“És mesmo maluco! Ainda arranjavas maneira de fecharem a biblioteca e de irmos todos para casa.” Riram em conjunto e a Daniela concluiu: “Da próxima vez chamas-me e eu vou lá, dou dois berros e ponho toda aquela gente na ordem! Comigo não têm hipóteses!”

A Daniela era mesmo assim, falava alto e sem pensar. Como ela própria afirmava... “O que tenho a dizer digo logo e para todos ouvirem!”. Muitas vezes, quando havia algum assunto de serviço a tratar, dirigiam-se-lhe em surdina... quase segredando ao ouvido. Ela sempre respondia em alto e bom som, sem se preocupar com quem estava por perto.

Mesmo quando não havia novidades para contar, a Daniela gostava de levar a Liliana a meio da tarde para tomarem chá na sala dos funcionários e deixavam-no sozinho a suprir a falta que faziam. “Agora és o chefe de tudo, Alberto!”, dizia a Daniela com sorriso escarminho e saía acompanhada da boa samaritana e ouvinte. A Liliana, quando voltava, trazia-lhe num copo de plástico a infusão de gengibre e canela que tinha restado no bule e, embrulhados em um guardanapo, dois biscoitos dos que ela própria fazia em casa: “Precisas de beber líquidos para te hidratares, pas-

sas muitas horas aqui a trabalhar e esqueces-te de ti”.

Na mesa da esplanada, durante as festas de maio, veio à conversa as vantagens da comida biológica. Entre duas ginjinhas de Óbidos, a Daniela defendia acerrimamente os ovos biológicos produzidos tradicionalmente e o Alberto contradizia-a exaltando as virtudes da certificação alimentar como forma de garantir a qualidade dos produtos.

A Liliana degustava o licor e seguia o diálogo como quem assiste a um filme de terror, hesitando em romper o habitual mutismo e expressando-se apenas com olhares mudos.

Era sabido que mais tarde ou mais cedo diria algo de surpreendente que daria melhor sentido ao assunto, mas daquela vez permaneceu calada... em dilema, apenas enrubesceu ligeiramente as faces. Para quem a conhecia era sinal de que se continha, talvez por achar que o que dissesse não adiantaria em nada. O que a Liliana não dizia verbalmente lia-se-lhe no semblante.

A Daniela não se conteve e puxou-lhe a manga, com os dedos ainda tingidos pelos copos de chocolate: “O que achas, Liliana?”. Ela hesitou, mas acabou por responder: “Acho que ambos têm razão, mas não há nada como experimentar”. Conciliava... imbuída de método científico e recordada da sua tese de mestrado em Bioquímica que realizara na Covilhã.

Para satisfação da Liliana, a conversa ficou por ali. Tinha chegado a hora do fogo de artifício e todas as conversas seriam encerradas porque ninguém conseguiria fazer-se ouvir.

Da vez seguinte que a Liliana foi visitar os pais a Cabriz, trouxe meia dúzia de ovos para cada colega e depositou-os nas respectivas secretárias, acompanhados de um bilhete: “Os ovos foram recolhidos ontem na capoeira dos meus pais. Espero que gostem.

Liliana”. Silenciosamente, murmurava-lhes: “Agora experimentem as vossas palavras, façam a vossa parte”.

No dia anterior tinha enviado pelo *hangout* a foto de um ninho povoado de ovos e rodeado por galináceos de várias etnias. Era parca em palavras, mas generosa em fotos, como se confiasse na capacidade dos outros em interpretarem a realidade sem a intromissão dela. Aquilo que antes parecera ser a partilha de um ambiente bucólico era afinal o certificado de origem do produto.

A Liliana era assim, generosa e consequente, eloquente e coerente nas atitudes.

A Daniela, duas semanas depois, fez um bolo que levava uma dúzia de ovos e o Alberto deixou cair a preciosa oferenda na paragem do autocarro, quando uns miúdos na saída da escola primária vieram esbarrar com ele. Absorto nos seus pensamentos, não os conseguiu evitar nem segurar o saco que levava na mão. As crianças coraram e balbuciaram desculpas ininteligíveis, recuando para um lugar seguro. Pegou no saco e, para os tranquilizar, informou: “Está tudo bem, felizmente não aconteceu nada.”

Mas não havia nada a fazer... os ovos tinham quebrado com um estrondo mais forte do que o de um trovão que fizesse estremecer toda a cidade de Leiria.

Sentiu-se um desastrado. As “palavras” da Liliana tinham sido levadas pelo vento e desperdiçadas como se fossem palavras comuns. Compreendeu que era por isso que ela falava tão pouco e só quando havia utilidade, usando as suas melhores palavras apenas quando esperava poder ser compreendida.

No dia seguinte, não teve coragem de confessar o que acontecera. “Então?! O que achaste?”. “Eram muito bons, fiz uma omelete deliciosa com salsa e cebola.”, respondeu.

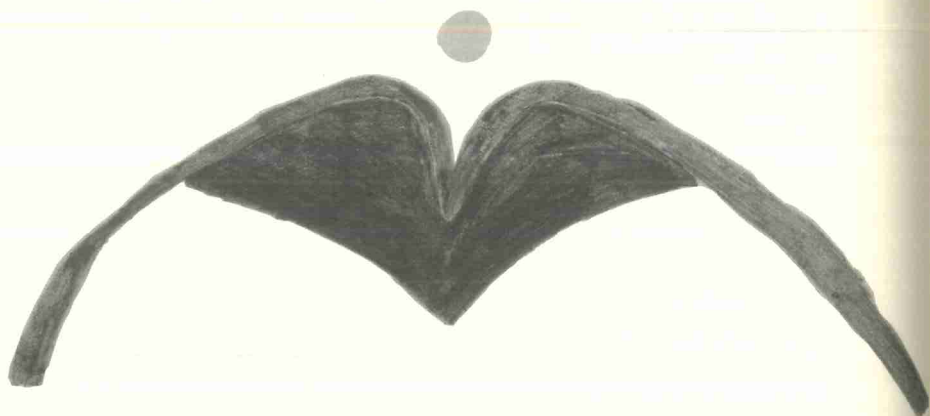
Não conseguiu dizer mais nada, envergonhado e arrependido escapuliu-se por entre as estantes, fingindo procurar um livro que ainda não havia sido escrito. Mais valia ter ficado em silêncio, desculpando-se por ter perdido a voz devido a uma laringite.

Uma semana antes das férias, enquanto vigiava o espaço de leitura do piso superior, o Alberto apercebeu-se de que algo não estava bem. Um dos frequentadores havia colocado a música dos auscultadores em nível tão elevado que o som era audível na sala. Afoito, abordou-o e compeliu-o a acabar com aquilo.

O rapaz obedeceu, constrangido, argumentado que o som assim ajudava-o a pensar! Já se preparava para ripostar, exasperado, fazendo-lhe ver os perigos em que a sua saúde auditiva incorria, teorizando acerca do respeito que era devido aos outros utentes e tudo o que rapaz já sabia... mas o silêncio triunfou.

Tinha-se lembrado da economia do discurso verbal da Liliana, sempre poupando as palavras inúteis. Lembrou-se das palavras de uma advogada que tinha estudado Direito em Coimbra, namorada de um amigo, que durante um jantar de confraternização comentou do outro lado da mesa: "... eu cá aconselho os meus clientes a remeterem-se ao silêncio quando estão em julgamento... quanto menos falarem melhor...".

Afinal... nem a surdez havia impedido aquele compositor famoso de criar a sua mais bela sinfonia, deitado sobre o piano e sentindo as vibrações no corpo. Existem alturas em que o silêncio é mesmo de ouro. O Alberto tinha acabado de aprender a usar o silêncio.



Bárbara Faden

ESCALÃO 4 — ALUMNI

O Grito do Silêncio

Cristina Ferreira (1.º Prémio)

Alumni da ESECS

“Às vezes no silêncio da noite...”

Caetano Veloso

Ando às voltas pela cidade escura a tentar calar as vozes do meu pensamento. Como se calam as vozes? Como se ouve o silêncio?

Trilho caminhos a medo, sem saber para onde vou. Sinto o corpo desfalecer, mas não posso parar, não quero parar... A lua, que iluminava o meu caminho entre calçada e buracos, acaba por desaparecer e sinto os pingos de chuva... primeiro, suavemente, depois com a força de um tridente que me força a abrigar numa das varandas que mais parecem caixas de fósforos abertas.guardo o tempo necessário para continuar... fecho os olhos e as vozes não se deixam silenciar. Preciso de silêncio, de paz, mas elas riem-se desse meu desejo. Ferem-me como as pedras da calçada que percorro novamente.

Olho o céu. A lua volta e vejo o seu reflexo prateado nas poças enlameadas. Como se pode juntar o céu e a terra no coaxar de um charco? O caminho torna-se escuro, vazio, perturbador. Até quando? O que quererão estas vozes? De onde virão? Tantas perguntas sem resposta, sem fim à vista. Por vezes, parece que a vida não é mais do que um poço onde me afundei e não encontro forma de sair. Tateio, em vão, todas as paredes circulares em bus-

ca de uma saída, de uma porta, de uma forma de subir, mas nada mais sinto que a impenetrável água que me escorre pelas mãos e se adensa em mim. A pura angústia, a certeza do nada, a derrota infinita do meu ser...

Continuo o caminho molhado e vejo as luzes da civilização. Onde andaré a comunidade empática e afetuosa? Alguma vez terá existido? Ou existirão apenas laivos de solidariedade que confundimos com movimentos de recolha e entrega de alimentos, com lindos sorrisos estampados nos ecrãs visuais? Tão artificial.... Será essa a nossa solidariedade? O grito violento junto dos tribunais contra aqueles que denominamos “carrascos” por matarem companheiras ou crianças? Os monstros? É tão fácil julgar em praça pública... Mas alguém terá ajudado aquela mulher ou criança? Alguém terá ouvido a sua voz? Há realmente alguma preocupação pelos elementos da comunidade, há algum sentimento fraterno? Ou será que toda essa violência pouco contida não é mais do que um espelho que esconde o pesar da nossa consciência? A perceção mais ou menos escondida da nossa perda de laços de comunidade?

O que fazemos, afinal, em comunidade? Será que os subsídios e os alimentos são o que chamamos de espírito de entreatajuda? E o que posso fazer para mudar? Talvez... Nada... Por medo. Porque a crítica é algo que me amedronta, que nos afasta. O medo do julgamento. O medo da crítica. E depois, há toda uma pesada estrutura que não nos permite criar, onde temos o nosso papel, quadrado, estanque. Ou será que tudo isto é uma desculpa que dou para nem sequer tentar? Não houve tantos que tentaram e que conseguiram? Não houve outros tantos cujos nomes ficaram no silêncio? É importante ajudar ou ser-se reconhecido pelo ato?

O que espero eu, desta sociedade? E o que é que esta sociedade espera de mim?

A pandemia que marcará a nossa história trará mudanças para cada um de nós? As vozes que me escutam, trazem-me à memória a desumanidade vivida. Os sarcasmos nas redes sociais, a mesquinhez para obter as vacinas, as lutas por quem não quer vacinas... O fogo, a raiva que se espalha em movimentos vazios de ideias, mas cheios de ódio para nos virarem uns contra os outros. Não teremos aprendido com a história? Não ensinámos o suficiente? Que comunidade queremos?

Olho em volta e não consigo perceber onde falhámos ou se falhámos. Somos os donos de um planeta que vamos destruindo aos poucos. Vencemos todos os seres desta terra, apesar de muitos deles serem o triplo do nosso peso e tamanho. Vencemos, mas seremos mesmo vencedores?

Choro. Não era bem isto que queria deixar aos mais novos. Uma sociedade sem rede de apoio, na qual só dão por nós, quando caímos. E ainda assim, seremos sempre e apenas um número. Uma estatística de um gráfico colorido no *Jornal da noite*. Uma cova mais ou menos funda... Não era bem isto.... Talvez seja eu que não consiga ver o *bom* da sociedade, penso. Ele existe e existirá, sempre. É universal. Há sempre uma estrela que brilha um pouco mais. Estaremos cada vez menos iluminados?

Sinto-me cada vez mais fraca. A minha cabeça parece uma hecatombe como se exigisse de mim uma atitude, um dever que tem de se cumprir; mas o quê? Eu nunca quis ser a heroína de história alguma. O que se espera? Fazer o bem? Mas que bem? Perdemos a noção do que é fazer o bem? Talvez seja a *hora* de reaprender. De aprender juntos. Com quem?

Passam poucos automóveis a esta hora da madrugada. Vejo as luzes que me ferem o olhar e que continuam, máquinas dentro de máquinas, cheios de coisa nenhuma.

Abro a porta, acendo a luz.... Oïço uns pezinhos pequenos que descem as escadas:

— Demoraste tanto, mamã... — Sorrio. Se soubesses, Maria, que o tempo é relativo, é apenas uma ilusão. É a vida que demora a fazer-se, a crescer, a vingar. O tempo é apenas um instrumento da vida...

Abraço-a. Deito-me a seu lado e sinto o cheiro da inocência, da quietude. As vozes parecem serenar, inebriadas por este aroma infantil. A calma e a tranquilidade tomam conta de nós e, enfim, o silêncio chega. Talvez a esperança venha depois...



Valéria Beskorovanyy

TEXTOS EM VERSO

ESCALÃO 1 — ESTUDANTES

Silêncio, porque te quero!?

Bernardo Pereira (1.º Prémio)

Estudante da ESTG

Silêncio, porque te quero?
Quero-te quando preciso de mim
Odeio-te quando não me suporto

Por vezes encontro-te
Vens até mim e logo me invades
Presenteias-me com a minha infinitude
E aqui me deixo repousar

Neste silêncio que tudo me diz
Aqui onde escuto quem sou
Tão complexamente simples

Procuro a luz de uma resposta
Algures na escuridão intermitente
Desta infinita realidade pensada

É este pensar estridente que não consigo calar
Preciso de saber procurar nele por mim
Pois algures no meio do ruído
Encontrarei tempo comigo sem fim

Procuro sem saber
Encontro sem procurar
Talvez nesta busca insaciável
Encontre um sábio que me mande calar

A Voz do Vácuo

Nuno Bernardo (1.º Prémio)

Estudante da ESECS

O silêncio é ...

Sentir a ausência do som

Integrado, sem qualquer tom.

Leva uma mensagem reforçada no espaço...

Ênfase essa que é carregada no tempo

Nela, existe a intensidade do aço

Como a meiguice de um abraço.

Interligada com todo o sentido,

O poder por vezes desentendido.

É algo desvalorizado, e também, subestimado.

Mostra a que finalidade encerra

Um momento que a serenidade traz.

Desencadeando uma guerra...

Ou até mesmo assinando a paz.

Mostra o maior respeito,

Ao que pode levar a um aperto no peito,

Suspeito ou até mesmo despeito.

Gera harmonia na confusão.
Reciclado em insulto pela população...
Inspira entendimento ou até união.
Tão menosprezado como se fosse prisão,
Algo que, por vezes, podia ser solução.

Traz calma às vibrações.
As linhas que carregam emoções
Livres e jubilosas sensações.

Contêm uma enorme delicadeza
Onde pode ser a harmonia,
Mostrando também a gentileza
Onde pode estar em sintonia.

É algo esquecido num momento enfurecido.

Provém da calma de cada um
Ou, do seu bom senso comum.
Tende a recriar um campo vasto
Estendendo-se no comprimento
Nele, vai apenas por arrasto
Todo e reticente sentimento
Estimado e certamente alento.

Movimenta e reforça a vontade...
A própria guiada verdade,
Sendo essa, a sua realidade.

Interrompendo qualquer ruído,
 Negando qualquer som poluído.
 Oprime e supera a fúria e amargura,
 Ficando a voz com uma propriedade pura.
 Enquanto o silêncio diz tudo
 Não diz nada, porém,
 Segurando uma potência do mundo,
 Interpretado a bem.
 Vejamos como o sangue que flui em nós,
 O *yin yang* que reside na voz.

A Árvore

Ricardo Castelo (2.º Prémio)

Estudante da ESTG

Ontem foi a árvore, aquela bela de ramos verdes,
Aquele monte imenso de redes,
Coisas interligadas, menções desgraçadas
Por todo este tempo.
Como cuidador da árvore negra,
Os meus dedos estiveram sempre na terra,
Fui sempre jardineiro do meu reino,
Tratador do meu templo,
Sonhador a seu tempo,
E tornei palha em nobre fermento,
Criei vida do pouco tempo
Que sempre tive em mãos para semear.
Aqueles sementes que eu fui regar,
Essa árvore de há um ano que não nasceu,
Que se conteve nas gavetas do meu ser,
Deu para se ver nascer e eu cultivei factos.
Tornei virais pratos rasos,
Num quotidiano presente, contemporâneo.
Volto hoje de crânio limpo,
Do meu palácio, meu limbo,
Sonhos verdes e maçãs rosa,
Pêssegos maduros e manhãs saborosas,
E venho ao betão deixar as pétalas
Essas belas ardentes que chamaram anjos
Aos recantos do imaginar humano,

De um paraíso desumano,
Meu insano cadastro poético.
Essa árvore bela e firme,
Que contive e tive em mãos,
Que souou para as minhas palmas letras lindas,
De magias findas de pobres almas penadas,
Dos males escalfadas, agrupadas em segredos,
Ramos que me entrelaçaram,
Me tornaram Antero no mundo paralelo,
Me adotaram, mero mortal no desmazelo,
A queimar na noite escura
De um Inverno calmo, mas frio.
Essa árvore ficou em silêncio,
Resguardou-se no seu imenso,
E eu jurei à sua imensidão
Levá-la às páginas que hoje canto.
Então cesse-se este silêncio,
Que hoje mando o produto de dois anos irrequietos,
Abertos a rosas livres de campos verdes,
Ténues e fracas,
Porque estas serão as suas últimas vezes.
Porque estas serão as suas últimas palavras.

Ouço-te

Mariana Costa (2.º Prémio)

Estudante da ESSLei

Ouço-te.

Ouço-te perfeitamente, embora nada digas.

Ouço-te todas as noites, com atenção, sem fadigas.

Também em silêncio, para não agitar a quietude da tua voz.

A velocidade das efémeras pausas que em mim se demoram.

O rumo da companhia das tuas palavras sós.

E o movimento do teu discurso que, com as horas, floresce no
[meu pensamento.]

Minto.

Minto porque não te ouço em silêncio.

Não te ouço em silêncio porque os meus suspiros já não são
[meus, quando os solto,]

Perdoa-me se te perturba,

Mas juro, juro que é sem querer.

E eles são teus. São rebentos deste silêncio intenso,

Desta (tua) ausência que me faz, todas as noites, desejar e perecer.

Estamos juntos, não estando,

Apenas te vejo, distante.

E ouço. Ouço-te sempre tão próximo.

Beijas-me a face com as tuas palavras, rimas, versos e estrofes.

Tocas-me com a tua respiração que seduz,

E transformas-me o corpo em pequenos pedaços de ímpeto e luz.

E alma. Tanta alma.

Sem pressas.

Com calma.

Inspiro.

O mundo está adormecido.

Expiro.

Cada vez mais desperta estou.

Inspiro.

Não te vejo, não me encontro.

Expiro.

Procuro pela tua voz.

Inspiro.

Inspiro.

Inspiro-te.

Suspiro.

O mundo continua a dormir.

Deixá-los. Deixá-los seguir.

Deixai-nos, a nós, continuar neste mudo e ruidoso fulgor.

Porque é ali,

É ali, no teu silêncio,

Que te ouço a declamar os mais belos poemas de amor.

Dor Calada

Mónica Monteiro (3.º Prémio)

Estudante da ESTG

A minha voz fechou-se lentamente,
Decurso dos gritos que já tentei expressar,
Aqueles que consomem doentiamente,
Aqueles que acabam por me calar.

Porque quem não vê não quer ouvir,
Quem não sente não se permite sentir,
Porque a dor do outro é sempre mentir,
E no fim a empatia deixa de existir.

No silêncio a minha mente chora,
Fiquei muda, não para mim, para tudo,
Já não sei o que é ter voz agora,
Larguei aquilo que era o meu escudo.

E agora para ouvidos apagados,
Devo os meus lábios cerrados,
Se ninguém o próprio vazio escuta,
Como poderão reconhecer a minha luta?

Os Silêncios

Bianca Martins (3.º Prémio)

Estudante da ESECS

O som ganhou outro modo de viver,
Passou a estar calado
Falou tanto, mas sem dizer
Inúmeras palavras que ardiam no seu olhar cuidado!

O som ganhou outro modo de sentir,
Guardou o desassossego e a calma
Conheceu os cantos da casa e acabou por redescobrir
A essência da sua alma!

O som ganhou outro modo de pensar,
Resolveu eternizar a meditação
Começou no pensamento a navegar
Em que remava a favor da sua razão!

O som ganhou outro modo de estar,
Pareceu suspeito, ansioso e condescendente
Quis a vida desacelerar
Ofereceu o som mudo que cala a gente!

A ausência do som abriu as janelas
Avistou o mundo sem pregar
Dedicou palavras tão belas
Pode ou não o silêncio falar?



Rodrigo Barroso

Fez-se Silêncio

Bianca Martins (Menção Honrosa)

Estudante da ESECS

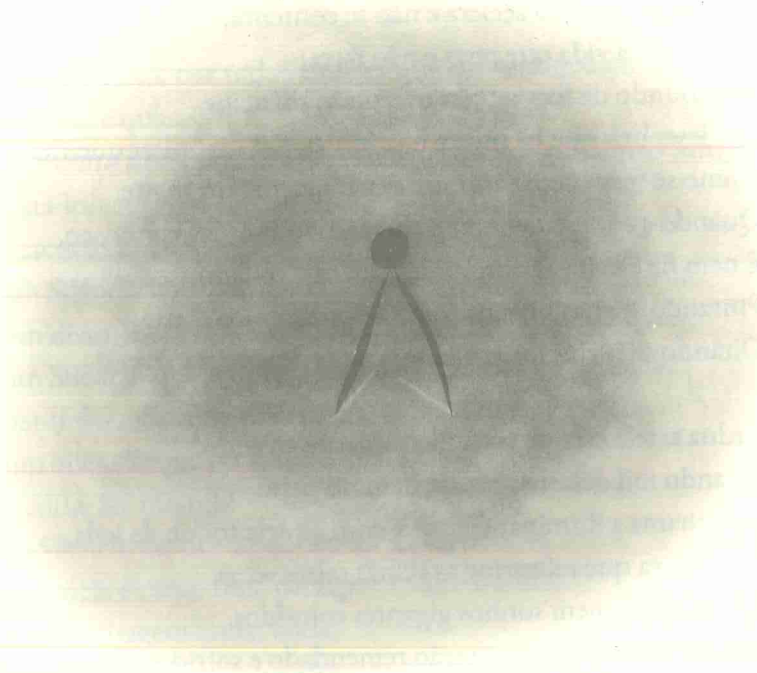
Calaram a voz a favor do feminismo!
Negaram à sexualidade os seus direitos!
Estagnaram a luta saciante contra o racismo!
A vida sente arduamente na pele os preconceitos!

É outro dia banal para o engravatado
Vai colher o dinheiro que desenterra!
E as mãos sujas e retalhadas do velho senhor
Estão de novo caladas a trabalhar na terra!

Sussurra uma andorinha pela cidade
— Isto assim não pode continuar!
E o povo soluça com a desigualdade
— Quem nos dera poder voar!

A rua foi silenciada
As pessoas já nem sabem falar!
Quando elas tentam expulsar palavras, não sai nada
Até mesmo com elas já não sabem conversar!

Fez-se silêncio lá fora, há quem queira reprimir!
Pode-se continuar a ter voz mesmo sem se falar,
Mesmo sem se falar, pode-se fazer ouvir!
Eles pensam que fazem silêncio, mas o povo aprende a voar!



Rodrigo Barroso

ESCALÃO 2 — DOCENTES

Avessos Silenciosos

Lídia Simão (1.º Prémio)

Docente da ESTG

Escrevo possuída por algo que não se explica,
 Quando o coração acelera e não se contenta,
 Ao chorar a vida que resta e não farta,
 Moribundo de fogos cujas brasas são silêncios,
 Ao descobrir que há morte na vida, apesar do pulsar quente,
 Como se fosse necessário sofrer para seguir em frente,
 Quando a sorte tangente às curvas, não se cruza connosco,
 E nem na escrita as estrelas iluminam o cenário,
 Pintando apenas nuvens como se pedíssemos chuva,
 Ditando silêncios longos, disfarçados de sorrisos tristes!

Árdua tarefa esta de viver tão somente vivendo,
 Quando mil desassossegos ardem no peito,
 Sem chama a iluminar o corpo, com aquele toque de seda,
 Sem chuva que refresque as velhas raízes secas,
 Sem castelos, nem sonhos gigantes coloridos,
 Sem sol que aqueça o coração remendado e sofrido,
 E fecham-se os olhos, pintando longos suspiros,
 E por segundos, apenas somos nuamente nós mesmos,
 Sem ruídos, sem danças e sem máscaras bordadas,
 Ao mergulharmos nos silêncios que a alma nos dita!

O Silêncio Saltita

Filomena Carvalho (2.º Prémio)

Docente da ESTG

Para o Zé Pedro e para a Carolina

Temido? Talvez um bocadinho, sobretudo por quem não o co-
[nhece bem!]

Amado? Muito, por todos aqueles que conversam com ele!

A verdade é que...

Vale mesmo a pena saber um pouco mais sobre o Silêncio Saltita.

Escutá-lo.

Ele escuta também!

É um Silêncio cheio de Vida.

Além disso, traz e leva Esperança.

É um Silêncio que renova e se renova como uma fogueira...

Quentinha... Sempre diferente...

É um Silêncio que faz companhia.

Acredita: faz mesmo!

Este Silêncio faz brotar do teu ser a Essência.

A Essência é como uma paisagem muito bonita.

Aquela paisagem linda, linda,

Que todos, mas mesmo todos, trazemos dentro de nós.

Sim, essa que às vezes tens escondida.

O Silêncio Saltita convida a degustar, a saborear as tuas paisagens
[interiores,]

Perfumadas e coloridas, cheias de Eterno.

O engraçado é que nós não temos só uma paisagem interior bo
[nita.]

Temos muitas, mesmo quando crescemos elas não morrem,
Umam ficam iguais, outras ficam diferentes, modificam-se, mas
[continuam a existir.]

Eu acredito que vale a pena dar a conhecer as nossas paisagens
[interiores.]

Tanto as crianças como nós os adultos.

O Silêncio Saltita é teu amigo,

Se quiseres, pode ajudar a fazer crescer em ti a Coragem.

Coragem para partilhares essas tuas paisagens interiores tão bo-
[nitas]

Junto daqueles que confias.

O Saltita...

Faz eco em todos os corações.

Saltita!

Saltita de coração em coração,

Como pólen que voa de flor em flor e que fecunda.

Fecunda corações.

Corações de olhos atentos e orelhas que escutam outros corações.

Corações com lábios que cantam melodias com outros corações,
[com lábios também!]

O Silêncio Saltita...

Que bom que partilhas alegria.

Que acompanhas na dor.

Que fazes companhia.

Que refrescas vidas com o teu Amor.

Que trazes Magia.

Silêncio, que bom que saltitas!

Silêêêncio...

Demónios e Silêncios

Lídia Simão (3.º Prémio)

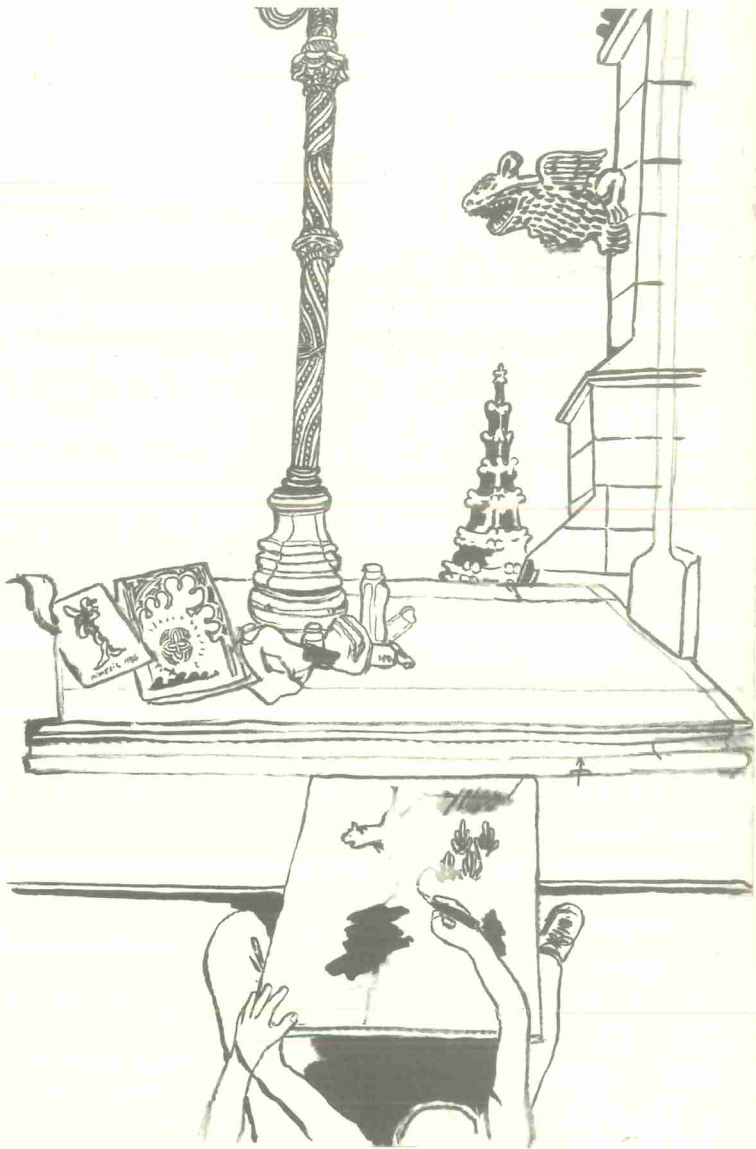
Docente da ESTG

Poucas verdades se veem em olhares possessos,
Cerrados em caminhos perdidos onde a noite reina,
Sucumbindo no covil da raiva, sem ouvir os outros,
Certos de que a razão os abençoou com o saber supremo!

Espalham o veneno em palavras armadilhadas,
Comendo o mundo com as suas exigências,
Como se os grandes deuses fossem seus vassalos,
Sem o poder bastante para agraciar seus egos!

Trazem as almas despidas de qualquer luz divina,
Onde o ódio é fogo que semeia vil imperfeição,
Dilacerando o coração de quem passa em suas mãos,
Como migalhas que se sacodem, sem qualquer valor!

Vestem máscaras de falsa sabedoria pintada a preceito,
Usando artimanhas disfarçadas de cínicos risos secos,
E rasgam a opinião alheia com olhares ameaçadores,
Gritando vitória aberta perante silêncios que são medo!



Bartolomeu de Gusmão

ESCALÃO 3 — PESSOAL TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

A Beleza dos Gestos Silenciosos

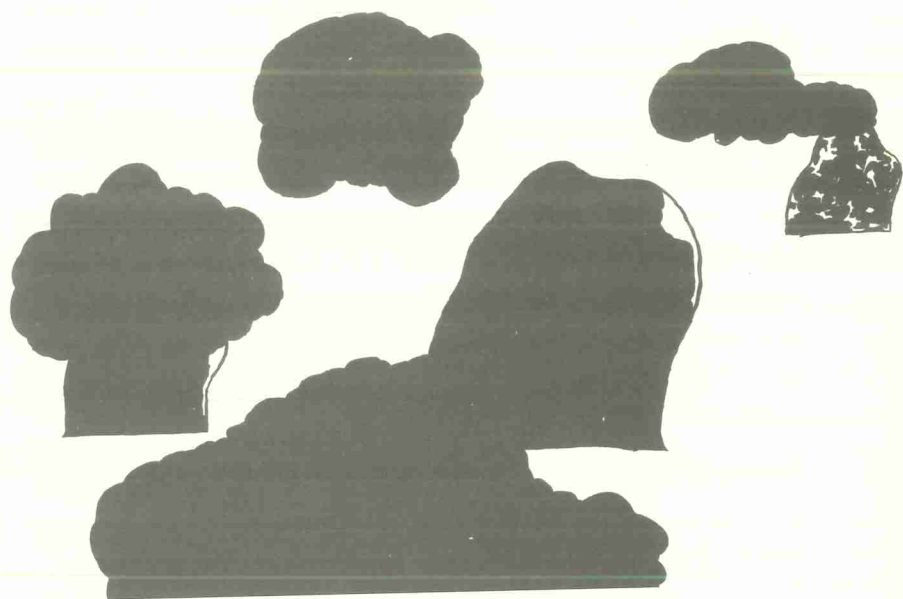
André Fonseca (1.º Prémio)

Técnico-Administrativo da ESTG

Gosto de apreciar a beleza impressa em cada gesto silencioso.
Gosto, por exemplo, do silêncio nervoso
Quando os nossos olhos se encontram à distância,
E os nossos passos movidos por uma súbita ânsia
Correm apressados para a encurtar.
Gosto do silêncio espesso que pairou no ar
Nos instantes que se seguiram ao nosso primeiro beijo.
Gosto do silêncio solene com que te vi rodar
A chave daquele quarto de Hotel
Onde nos consumimos, vorazes, na frágua do desejo.
Gosto dos meus dedos vagarosos a percorrer a superfície da tua
[pele]

E do prazer mudo com que eles se demoram.
Gosto do silêncio que fica quando os nossos olhos se namoram.
Calados, os nossos olhos fazem declarações de amor inflamadas,
Falam por palavras que ainda não foram inventadas.
Palavras, essas, tão inspiradas
Que tornariam desinteressante e enfadonha
Qualquer obra-prima da literatura,
E levariam poetas cobertos de vergonha
A queimar livros num assomo de loucura.
Gosto do silêncio da respiração serena
Quando repousas o teu corpo no meu.

Mas também gosto de tornar mais pequena
A duração do silêncio entre cada gemido teu.
Mas não gosto quando o silêncio é triste...
Como o silêncio que vestiste
Desde a última vez que te vi,
Depois daquelas fatídicas palavras que me dirigiste:
“Até um dia, cuida de ti...”
De ti, resta apenas o silêncio triste
E essas palavras que ressoam em permanência.
E eu gosto de silêncios, mas o da tua ausência
É o silêncio mais ensurdecidor que existe.



Rodrigo Barroso

O Silêncio daquela Porta

André Fonseca (Menção Honrosa)

Técnico-Administrativo da ESTG

Olhas à volta e estás acompanhado.
 Há sempre um rosto conhecido, um olhar intersetado,
 Um braço estendido, um copo levantado.
 Chamam-te, mas estás distraído.
 Perscrutas na multidão aquela silhueta familiar,
 As formas líquidas onde te desejas moldar,
 O corpo que te tira o sono de madrugada,
 Nas noites que correm devagar e em que o tempo perde a pressa.
 É a mesma figura que se materializa a partir do nada
 No primeiro vislumbre de clarividência de um dia que começa.

Não estás só, não te sentes sozinho.
 Não falta distração, não falta vinho.
 Mas há um silêncio ensurdecador naquele burburinho.
 Lançam-te olhares demorados que encerram o convite para uma
 cama quente
 Desfeita por corpos em movimentos ritmados.
 Mas tu permaneces indiferente,
 A olhar para a porta por onde tarda a entrar
 Quem tu desejas verdadeiramente.

A porta silenciosa permanece fechada.
 É para lá que o teu olhar descai.
 A vaidade das carnes não te impressiona nada,
 A curva do decote não te distrai,

O sabor da comida não te conforta
E o furor do álcool não te desconcentra.
O teu olhar continua fixo naquela porta
Por onde... ela não entra.

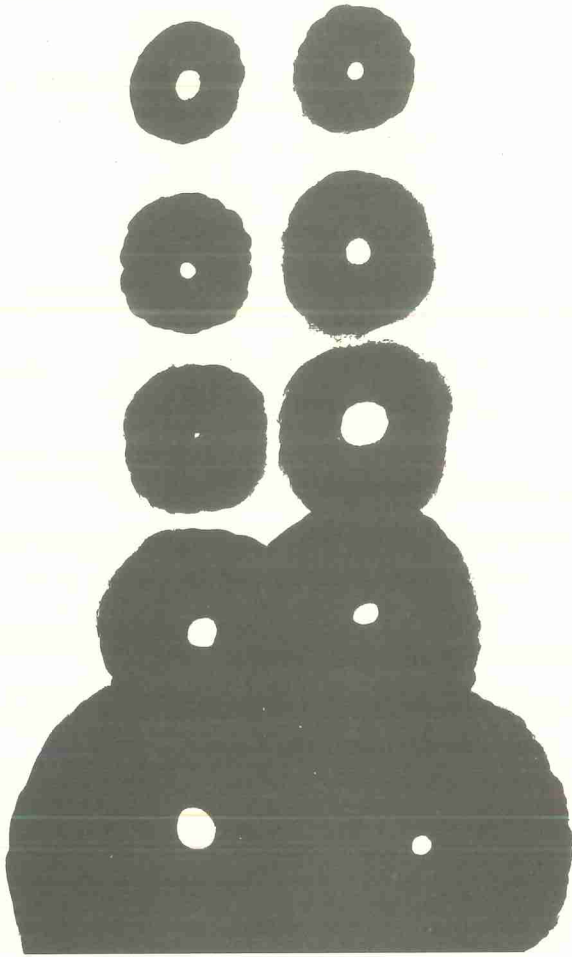
Ela, a inquilina permanente do teu olhar.
Ela, de quem guardas apenas a lembrança
Mas que resiste na centelha de esperança
Que faz os teus olhos brilhar.

Quebra-se o silêncio daquela porta.
Os movimentos de luz que se vislumbram pela fresta
Anunciam a chegada de alguém que se junta à festa.
Mas, que importa?
Não é ela, novamente. Não é ela, a materializar-se à tua frente.
E a agitação dos convidados, que chegam ruidosos e animados
Amplifica ainda mais o silêncio da sua ausência,
E escava ainda mais fundo
O vazio que sentes em permanência
E que te deixa à margem do mundo.

O teu ânimo entra em falência e não há como negar,
Parece clara a evidência
De que nem tudo o que se espera é suposto chegar.
Há portas escancaradas
Que permanecem caladas
Por mais gente que deixem entrar...

Ela não aparece e entretanto... amanhece.

Esperas em silêncio, rodeado por um mundo em festa.
A esperança é a última coisa que te resta.
É a ela que te continuas a agarrar,
É ela que suporta
Essa mania de acreditar
Que a felicidade pode estar do outro lado da porta.



Rodrigo Barroso

ESCALÃO 4 — ALUMNI

Faz do Meu Silêncio Folhas Caídas no Chão

Camila Gaspar (1.º Prémio)

Alumni da ESECS

Faz do meu silêncio folhas caídas no chão.
Promete-me que não se tornará ofegante
Gritar para o céu sem receber compaixão.

Faz do meu silêncio uma flor com sede.
Promete-me que não se tornará ofegante
Ver pétalas cair com uma aragem leve.

Faz do meu silêncio raízes sem terra.
Promete-me que não se tornará ofegante
Viver como homens em constante guerra.

Faz do meu silêncio uma boca outrora vazia.
Promete-me que não se tornará ofegante
Acabar com o vazio da nossa falsa alegria.

Silêncio da Minha Alma

Cheila Roça (2.º Prémio)

Alumni da ESECS

Olho o espelho profundamente
Na casa ecoa um confrangedor silêncio
Este vazio assusta-me
Faz-me perceber
Que o maior medo está em mim
O encontro comigo.
O silêncio faz ouvir
A voz da alma
Perceber que sou vários
Unidos num só corpo
Neste vazio
Há uma intensidade assustadora
Fechos os olhos
Tento escutar a voz que clama
Ela apresenta-me um mundo novo
A intensidade de ser
Aquilo que o espelho reflete
É uma contradição entre
O conhecido e o desconhecido
Ao ouvir a voz da minha alma
Percebo que há muito mais a descobrir
Sobre quem sou
Sobre esta dicotomia que me assalta
O silêncio ajuda-me a encontrar
A verdadeira razão do ser

É no silêncio que percebo
 Que sou verdadeira
 Nesta descoberta assustadora
 Percebo que a magia
 É ser quem não se é
 Pois ninguém se conhece totalmente
 Há razões obscuras
 Na mente de cada um de nós
 Que só percebemos
 Ao escutar a voz da alma
 E conhecer a verdade
 De quem somos
 O silêncio é assustador
 Porém o seu som
 É a mais bonita melodia
 Que pode ecoar em minha alma.

Silêncio não é Só Calar

Camila Gaspar (2.º Prémio)

Alumni da ESECS

Silêncio não é só calar
Ou parar para pensar
Ou cismar e viajar
E não sair do lugar.

Silêncio é refletir
No passado, no partir,
No que foi ou está por vir,
No que veio e fez sentir.

É a imagem sentida
Temporária e vivida,
Impactante ou esquecida,
Invisível e até perdida.

Silêncio é nostalgia.
Um momento perdia
Quem tivesse a ousadia
De negar memórias que queria.

Silêncio é noite que não perdura.
É escuridão com rutura.
É escapulir de uma cura
Que se prende e segura.

É o tempo estarrecido
Temporário e vivido.
Impactante ou esquecido,
Invisível e até perdido.

Silêncio é saber reluzir
A nuance de que se vai cair
Agarrar-se e insistir
No que está a existir.

Silêncio é estar só
Como o vento sopra pó
Garganta a dar um nó
Cair, efeito dominó.
Silêncio é calar
Refletir no sentir.
É nostalgia a perdurar
Estarrecer no reluzir.
E estar só.

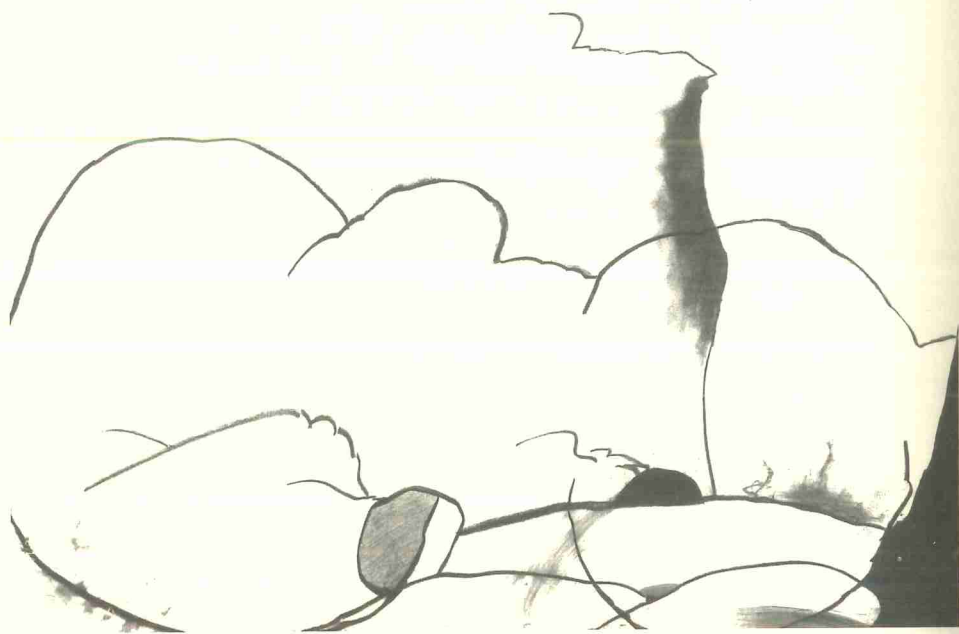
Só este Som me persegue

Idália Bento (3.º Prémio)

Alumni da ESECS

Pensamento,
Serenidade vibrante.
O tempo que não para.
Esta luz que me persegue e me “consome”.
Tudo é serenidade.
É como um espelho dentro d’água
Transparente, ao sol poente.

Pensamento,
Tu me persegues
Nas horas, de maior dificuldade.
Deixo-me embalar
No regaço como uma criança.
Tua mão amorosa
Estendida, com todo o amor.
Onde meu coração clama,
Obrigada, Pai Querido!



Rodrigo Barroso



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

NOVEMBRO 2021